



ARQUIVO X

SANGUE

Novelização de Les Martin

Baseada na série de TV Arquivo X criado por Chris Carter

com roteiro de Glen Morgan e James Wong

Tradução de José A. Ceschin

Título original: The X-Files — Fear

Twentieth Century Fox Corporation, 1996

Para Aaron,
o leitor constante.



Capítulo 1

Ed Funsch estava tremendamente aborrecido. Muitas vezes era o trabalho que o deixava assim. Na verdade, era quase sempre o trabalho. Mas ele procurou lembrar-se de que aquilo era bem melhor do que morrer de fome. Ou ter de dormir nas ruas. O que estaria ele fazendo se não tivesse conseguido aquele trabalho dois meses antes?

Ed trabalhava para o Serviço Postal Americano, em Franklin, Pennsylvania. Sete horas por dia, cinco dias por semana, ele ficava sentado na frente de uma máquina de seleção de correspondência, no Centro de Triagem.

Hoje ele estava trabalhando como fazia todos os dias. Um envelope entrou na máquina de seleção. Ed olhou para uma janelinha de supervisão. O código de endereçamento postal apareceu em letras aumentadas.

14141

Ed digitou os números em um teclado numérico. Acendeu um painel digital vermelho na máquina.

14141

Ed verificou o número, e depois apertou um botão.

A carta continuou percorrendo a canaleta, no sistema de entrega de correspondência.

Outra carta entrou no seu lugar.

02828

Ed digitou o número.

02828

Enquanto o envelope partia de novo pela canaleta, Ed olhou para o relógio.

Ainda faltava uma hora e vinte minutos para o almoço.

Aí ele olhou de novo pelo visor da máquina, procurando pelo próximo envelope.

Já fazia um mês que Ed estava trabalhando ali, e era um dos muitos homens de uniforme azul e cinza que havia no Centro de Triagem. Ele já era capaz de fazer seu trabalho até sem pensar. Podia usar a cabeça para pensar em outras coisas.

Cada vez mais, ele pensava em quanto odiava a máquina que tinha à sua frente. Era a última geração de aparelhos específicos para a triagem de correspondência. Era considerada uma excelente ferramenta para facilitar a vida do trabalhador postal.

Que vontade de rir! pensou Ed, de olhos vidrados no painel digital. Era fácil ver quem era a ferramenta. Ele não operava a máquina. Era a máquina que o operava.

De repente, ele levou um susto que interrompeu seus pensamentos.

O envelope seguinte ficou enroscado na canaleta.

Ed tinha de agradecer pela existência de envelopes como esse. O tamanho estava fora do padrão normal, e ainda havia outros com dobras e os cantos amarrotados. Os envelopes assim representavam alguma coisa para ele fazer. Algo que a máquina não conseguia. Pelo menos não por enquanto.

Ele enfiou a mão na canaleta para libertar o envelope.

— Ai! — gritou, puxando a mão para trás. Olhou para o dedo dolorido. O sangue gotejava de um corte na pele — Fui ferido pelo papel — resmungou ele, sentindo o estômago revirar.

A visão do sangue o fazia sentir enjôo, deixando-o mais fraco do que nunca, mais inútil do que nunca. E ali, realmente, parecia que a máquina estava zombando dele. Que chance tinha uma simples criatura de carne e osso contra aquele monstro de metal, frio e insensível? Ele começou a tremer de raiva. Estava vendo tudo vermelho, vermelho como sangue.

Nesse instante ele sentiu no ombro a mão de alguém.

Ed levantou o olhar. Era seu chefe, Harry McNally.

— Ei, Ed. Você está bem? — perguntou Harry, preocupado —, Está mais pálido do que um fantasma.

— Sangue — respondeu Ed, erguendo o dedo, ainda trêmulo.

Harry deu uma olhada para o dedo ferido, e disse:

— Foi só um corte feito pelo papel, Ed — ele fez uma breve pausa e depois disse: — Mas, se está doendo tanto assim...

— Não, não... — interrompeu Ed — Você tem razão. Não foi nada. E parece que até parou de sangrar. Vou voltar imediatamente ao trabalho. Tenho de continuar a seleção da correspondência.

Harry Pigarreou. Não parecia estar muito à vontade.

— Ed — disse ele —, eu queria falar com você a respeito do trabalho. Vamos dar uma chegadinha até o bebedouro de água, onde podemos ficar mais à vontade para conversar.

— Mas, e as cartas? — perguntou Ed, quase adivinhando o que o esperava.

— Não se preocupe com as cartas agora — respondeu Harry. Ele estendeu o braço por trás de Ed e desligou a máquina de seleção de correspondência.

De ombros caídos, Ed levantou-se e acompanhou Harry para o canto, onde ficava o bebedouro de água. Já previra que aquilo estava para acontecer. E já havia passado por isso outras vezes.

— Escute, Ed, isto nunca é uma coisa fácil de fazer — disse Harry —. Todo o mundo aqui gosta muito de você. E eu sei que isso é difícil especialmente porque

acaba de chegar à cidade. Eu sinto muito, Harry, mas vou ter de despedir você.

Ed não disse coisa alguma. Ele sabia que não adiantaria. Ficou parado ali, como um cachorrinho que acaba de apanhar do dono. Um cachorrinho que nada havia feito de errado. Um cachorrinho que olhava para o dono com olhos de reprovação.

Harry engoliu em seco e procurou explicar:

— Não tem nada a ver com o seu trabalho. Você é um dos melhores que temos aqui. E, como eu já disse, além de tudo ainda é um bom sujeito. Mas já conhece a história. Estamos enfrentando cortes de despesas. Redução de pessoal. A direção está com problemas de orçamento, especialmente por causa dos altos custos da nova tecnologia. Além disso, com essas máquinas novas, não precisamos mais de tantos...

— É eu sei — interrompeu Ed — Aconteceu a mesma coisa no meu emprego anterior. Eles compraram uma máquina que podia fazer todo o meu trabalho com muito maior rapidez do que eu, e sem jamais cometer um erro. O chefe veio e me disse que não era culpa minha. Que era só o progresso.

— Mas eles estão precisando de gente para montar essas máquinas — disse Harry —. Talvez você possa fazer um curso de treinamento e depois...

— Ouça Harry. Estou com cinquenta e dois anos de idade — disse Ed —. Acha que vou aprender algum truque novo? E mesmo que aprendesse, você acha que eles iriam contratar um sujeito da minha idade para começar por baixo? — Harry ficou calado. E Ed continuou: — Olhe Harry. Será que eu não poderia continuar trabalhando apenas meio período?

Harry suspirou fundo. Depois, respondeu:

— Bem que eu gostaria que pudesse. Infelizmente, recebi ordens. Se quiser, posso lhe mostrar o fax da direção...

— Não, eu acredito em você — disse Ed.

Harry enfiou a mão no bolso e tirou um envelope, dizendo:

— O pessoal já fez uma vaquinha para ajudar você. Tem 100 dólares aqui dentro — sem jeito, ele enfiou o envelope no bolso da camisa de Ed. Depois, disse: — Você pode ficar trabalhando até terminar a semana. Desculpe, mas é a única coisa que posso fazer.

— Não precisa se desculpar. Nada disso é culpa sua. Não é culpa de ninguém. E esse é que é o problema: todo o mundo tem de obedecer ordens... que vem de alguma máquina, que está em algum lugar.

Harry tossiu. Bateu de leve nas costas de Ed e foi embora. Ed voltou para a máquina de seleção de correspondência. Sentou-se e tornou a ligá-la.

Os envelopes começaram a correr de novo pela canaleta. Os dedos de Ed

digitaram sobre o teclado. Os números acenderam no painel digital.

13207... 13090... 08619... Mate... 49548...

Ed ficou boquiaberto, enquanto seus dedos continuavam digitando mecanicamente os números.

21227... 10977... Mate-os... 44310...

O olhar de Ed congelou sobre o painel. O enorme e movimentado salão ao seu redor parecia estar desaparecendo. Tudo o que conseguia enxergar era a mensagem acesa no painel.

Mate-os todos.

Ed Funsch não estava mais aborrecido como antes.

Estava mais é apavorado.

Capítulo 2

Gary Taber não tinha medo de ser mandado embora do emprego. Era seu próprio patrão, trabalhando como corretor de imóveis. O único problema era que os negócios não andavam muito bem. Ninguém estava comprando casas nem sítios. O dinheiro parecia haver desaparecido da cidade — e também da sua conta bancária.

Ele mal conseguia ganhar o suficiente para pagar o aluguel. Custava bastante caro alugar uma sala no andar de cobertura do prédio do Banco Comercial. Era o que em Franklin se considerava um arranha-céu, um prédio de dez andares de altura.

Gary consultou o relógio de pulso. Era hora do almoço. A manhã inteira havia passado sem que ele realizasse um negócio sequer. E não tinha comido coisa alguma. Aquilo era coisa para deixar um homem louco. Tantos anos trabalhando sem descanso, para montar o seu negócio, e acabar vendo tudo afundar daquele jeito. Se as coisas continuassem assim, logo ele teria de começar a trazer sanduíches de casa. Ou até deixar de almoçar.

Mas não naquele dia. Ele podia ouvir o estômago roncando. Abotoou o colarinho da camisa, ajustou o nó da gravata, vestiu o paletó cinza e ligou a secretária eletrônica. Tinha água na boca quando caminhou para o elevador. O especial do dia era sanduíche de carne fliambrada com repolho, no café Mulloy, que ficava na quadra de baixo.

O elevador estava vazio quando ele entrou, mas não ficaria assim. O painel digital de luzes verdes que havia na parede mudou de 10 para 9, e Gary teve de ir

para o fundo, quando várias pessoas entraram. Acima das cabeças dos outros passageiros ele viu acender o número 8. Mais passageiros entraram. Era a turma que descia para almoçar. A viagem para baixo parecia estar demorando uma vida inteira, com o elevador parando em todos os andares. Gary odiava mesmo aquelas viagens de elevador. Os espaços fechados e cheios de gente o deixavam louco. Talvez não fosse assim tão ruim a idéia de perder seu escritório. Ele ficaria na rua, mas jamais teria de enfrentar de novo aquele elevador lotado.

Gary olhou de novo para o painel digital, para ver quantos andares ainda faltavam para ele poder sair dali.

Ele leu: falta de ar.

O suor desceu pelo rosto de Gary. Ele limpou a testa com as costas da mão. Chegou a sentir dor nos pulmões. Todas aquelas pessoas pareciam estar empurrando-o de propósito. Se ao menos eles todos saíssem dali...

Impossível respirar, mostrou o painel digital acima da porta do elevador.

As mãos de Gary agarraram no nó da gravata, para soltá-lo. Ele afastou os olhos do painel digital, mas com tamanha violência que a cabeça bateu na parede do elevador. Não havia jeito de fugir dali.

As pessoas que estavam ao seu redor afastaram-se um pouco dele, indo para a frente do elevador. Mas também não tinham para onde fugir. Só podiam ficar olhando para o painel digital, onde os números mudavam de 3 para 2.

Todos os que ali estavam pensavam em silêncio a mesma coisa. Graças a Deus esta viagem de elevador está por acabar em um instante. Se demorasse um pouco mais, o homem que estava ali atrás, de olhos arregalados, suado, respirando com dificuldade, poderia sentir-se mal e vomitar ali dentro... Ou poderia até desmaiar. Se acontecesse alguma coisa, todos iriam chegar tarde para o almoço.

Nenhuma daquelas pessoas viu o que Gary Taber viu quando ele olhou de novo para o painel digital do elevador.

Se tivessem visto, teriam se preocupado com coisa mais importante do que o almoço.

Os olhos de Gary pareceram saltar de sua cabeça quando ele leu:

Mate-os todos!

— Quatro mortos, sem contar com o próprio assassino — disse Jim Spencer. Era um homem alto e bastante forte, que usava um bigode muito bem cuidado e vestia um uniforme bem passado. Era o xerife da comarca de Venango, Pennsylvania, e tinha todas as características de um verdadeiro policial.

O homem que estava ao seu lado usava um terno amarrotado, e seus cabelos precisavam de um corte. Não se parecia em nada com o que Spencer havia esperado,

quando entrara em contato com a Unidade de Ciências do Comportamento do FBI, pedindo ajuda.

Até o nome do agente era bastante incomum. Quem já ouvira falar de um agente federal chamado Fox?

Mesmo assim, Spencer fazia o possível para levar as coisas a sério. Ele tinha de agir assim. Precisava de alguém que o ajudasse a encontrar respostas para um caso que o estava deixando louco. E ele disse a Mulder:

— Estou aliviado pelo fato de o Bureau ter atendido ao nosso chamado. Porque, para dizer a verdade, seja o que for que está acontecendo aqui, jamais poderíamos descobrir sem a ajuda de vocês.

— Acho que foi por isso que me mandaram para cá — disse Mulder —. Casos estranhos como este são minha especialidade.

— Eu sei que vocês costumam elaborar o perfil dos suspeitos de crimes e identificá-los enquanto ainda estão em liberdade — disse Spencer —. Mas deve ser muito estranho quando pedem para identificar e traçar o perfil de suspeitos que estão mortos.

— Como eu já disse, sou especialista em coisas "estranhas" — insistiu Mulder.

Os dois homens estavam diante do edifício do Banco Comercial. Na frente deles havia uma fita plástica estendida na horizontal, à altura do peito, onde se lia, em letras pretas: Cena de crime: proibido passar.

Um dos policiais levantou a fita para que as passassem por baixo. Os dois caminharam para o elevador, cuja porta estava aberta. Havia um cadáver, coberto com um lençol de plástico preto, caído na porta, metade para dentro e metade para fora do elevador. Os outros três corpos estavam lá dentro, também cobertos com plástico preto.

Mulder começou a trabalhar. Rapidamente vestiu um par de luvas de plástico para não contaminar a cena do crime. Entrou no elevador, com Spencer dois passos atrás dele.

Enquanto Mulder examinava os cadáveres, Spencer continuava a informá-lo sobre o que já havia sido investigado.

— O cadáver do suspeito está lá na calçada. Estamos mantendo sob custódia o agente de segurança que atirou nele. As testemunhas que estavam no elevador e que sobreviveram estão todas no hospital. Você pode falar com elas quando quiser.

Mulder fez um sinal com a cabeça, sem prestar muita atenção ao que dizia o xerife. Spencer o observava com cuidado, movido por uma enorme curiosidade profissional, que mais parecia admiração e assombro. O xerife jamais vira um

investigador trabalhar tão depressa. Aquilo era coisa de profissional da capital. Um policial de cidadezinha do interior, como ele, tinha muito que aprender ali.

Depois que Mulder terminou de examinar os corpos, passou a investigar o elevador. Olhou com cuidado para o corrimão, que ficava à altura da cintura, e examinou os botões do painel de controle e o teto.

— Fizemos um desenho detalhado de toda a área, e já mandamos o especialista espalhar o talco para coleta de impressões digitais — explicou Spencer. Ele queria que o agente do FBI soubesse que, apesar de serem policiais do interior, não eram meros amadores.

— Aquilo aconteceu durante o incidente? — perguntou Mulder, apontando para o painel digital na parede. O mostrador havia sido destruído, aparentemente por um golpe.

Spencer não tinha percebido aquilo. Seu rosto ardeu e ele ficou vermelho. Engoliu em seco, titubeou um pouco e disse:

— Vamos descobrir isso.

Mulder fez que sim com um sinal da cabeça. E perguntou:

— Podemos dar uma olhada no suspeito?

— Pode dar uma olhada no que sobrou dele — corrigiu o xerife.

Capítulo 3

Ninguém esperava que uma coisa assim fosse acontecer justamente aqui — disse o xerife, saindo ao lado de Mulder do edifício do Banco Comercial.

— Um corretor imobiliário de quarenta e dois anos de idade assassinar quatro pessoas que nem conhece? — perguntou Mulder. E ele mesmo respondeu: — Isso é uma coisa que ninguém espera que ocorra em parte alguma.

— Claro, claro — concordou Spencer — Mas o que estou querendo dizer é que só se registraram três assassinatos na nossa região desde os tempos coloniais. Ou melhor, até começar esta loucura toda. Nos últimos seis meses, sete pessoas assassinaram nada menos do que vinte e duas outras. Em termos de estatística populacional, você pode imaginar até que ponto isso eleva a nossa percentagem de homicídios por habitante?

— Eleva bastante — concordou Mulder — Bastante mesmo...

— Na verdade, essa taxa acaba sendo mais elevada do que a registrado em

Detroit, Washington D.C. e Los Angeles — explicou Spencer —. Nossa porcentagem é mais alta do que as dessas três cidades juntas! — ele segurou Mulder pelo braço e acrescentou: — Franklin não apresenta nada que seja semelhante a qualquer dessas cidades. Nós aqui somos gente simples e boa, todos sempre nos demos muito bem. Não existem preconceitos nem guetos ou coisa parecida. Nunca tivemos manifestações violentas e ninguém jamais viu sequer um batedor de carteiras por aqui.

Mulder balançou a cabeça e resmungou:

— Já entendi.

Satisfeito, Spencer o levou para fora. Mais ou menos na metade do quarteirão havia um cadáver estendido no chão, coberto por um plástico preto. Havia sangue derramado em toda a volta do corpo. Alguns policiais fardados procuravam manter os curiosos à distância. Tanto os policiais quanto os civis tinham no rosto a mesma expressão de assombro e descrença.

— Em todos os casos semelhantes o suspeito acabou morto? — perguntou Mulder a Spencer.

— Suicídio provocado pela polícia — respondeu Spencer.

— O que quer dizer com isso?

— Todos os assassinatos em massa ocorreram em locais públicos — explicou Spencer — O suspeito sempre fica maluco de repente e não pára quando uma autoridade manda. Em todos os casos registrados o policial presente teve de usar da força para salvar outras vidas.

— O sangue de algum dos suspeitos foi examinado, para ver se ele não estava sob a influência de alguma droga?

— Agente Mulder — respondeu Spencer —, a população desta cidade é formada de plantadores de maçãs e cerejas. A grande maioria das pessoas nem ao menos bebe. E claro que ninguém daqui é viciado em drogas.

— Eles foram examinados? — insistiu Mulder.

— Sim — respondeu Spencer —, todos os testes feitos pelos legistas deram resultado negativo.

Mulder abaixou-se ao lado do cadáver, levantou o plástico preto e começou a examinar o corpo perfurado de balas de Gary Taber.

O xerife procurou não afastar os olhos, mas seu rosto empalideceu.

— Eu joguei beisebol com este cara no feriado do Dia do Trabalho — disse ele —. Acho que era uma das pessoas mais simpáticas da cidade. Não sabia jogar direito, mas nunca reclamou quando o técnico o obrigava a ficar no banco para não prejudicar o resto da equipe... — depois de uma breve pausa, perdido em suas lembranças, Spencer acrescentou: — Era sempre o primeiro a cumprimentar os

companheiros depois de cada partida.

Mulder levantou a mão do homem morto, para examiná-la mais de perto. Estava dura por causa do rigor mortis, mas ele conseguiu virar a palma da mão para cima. Debaixo da unha do dedo indicador havia uma substância verde-amarelada. Fosse o que fosse, Mulder percebeu que não se tratava de sujeira comum.

— Ele sempre acabava pagando uma rodada de refrigerantes para todos nós — lembrou Spencer. E olhou para Mulder, enquanto o agente tirava um pequeno saco de plástico para coleta de provas e o colocava sobre a mão de Taber, amarrando-a para proteger a pele.

— Peça ao pessoal do laboratório que examine a substância que está sob as unhas dele — disse Mulder, levantando-se.

— Claro — disse Spencer —. Vou tratar disso em seguida — entre dentes murmurou: — O que poderia levar uma pessoa como ele a cometer uma barbaridade dessas?

No saguão de um banco que ficava do outro lado da cidade, Ed Funsch olhava para o corte que havia no seu dedo, pensando mais ou menos a mesma coisa.

Debaixo da tira de band-aid, o dedo ainda doía. Ele também se sentia confuso com a misteriosa mensagem que havia aparecido no painel eletrônico da máquina de triagem de correspondência, com a qual trabalhava.

Era como se a máquina tivesse sentido o cheiro de seu sangue e decidido persegui-lo. De fato, era como se a máquina tivesse percebido como a visão de sangue despertava nele temores muito antigos, e como ele se sentia enfraquecido diante desse tipo de visão.

Mas Ed tinha sido capaz de enganar a máquina. Odiava demais aquela máquina para deixar que ela comandasse suas ações. Na verdade, as máquinas tinham destruído sua vida, tomando dele um emprego após o outro. Na maneira de Ed pensar, as máquinas deveriam ser tiradas da face da terra, e mandadas todas para o espaço sideral.

Ele suspirou. O problema era que havia ficado impossível fugir das máquinas. Naquele dia ele havia decidido deixar o Centro Postal para sempre. Tinha dito ao supervisor que não queria ficar trabalhando o resto da semana. Mas, embora tivesse conseguido escapar da seletora de correspondência, tivera de ir direto para outra máquina, ou seja, o caixa automático do banco. Ele queria depositar o dinheiro que os colegas lhe haviam dado como presente de despedida, para que não fosse tentado a gastá-lo muito depressa. E era obrigado a usar o caixa automático, porque o banco cobraria uma taxa mais elevada se ele fosse aos guichês comuns.

O homem que estava na frente de Ed, na fila do caixa eletrônico, terminou

suas operações e liberou a máquina para ele.

Apareceu a primeira mensagem no painel eletrônico: Por favor, coloque o seu cartão. Ed obedeceu a ordem.

Depósito? Retirada? Saldo? perguntou o painel.

Ed estava a ponto de digitar sua resposta quando ouviu uma voz de mulher dizendo:

— O senhor está sangrando!

O suor irrompeu pelo rosto de Ed. Ele virou-se depressa.

Atrás dele havia uma mulher, curvada sobre o corpo da filhinha, assoando o nariz da criança com um lenço de papel.

— Eu disse para não enfiar o dedo no nariz! — repreendeu a mulher.

Ed mal ouviu essas palavras. Seu olhar concentrou-se nas manchas vermelhas que havia no lenço de papel. E o suor do seu rosto aumentou ainda mais. Sentiu até o estômago revirar.

Conseguindo controlar-se, ele voltou sua atenção para o caixa automático e arregalou os olhos para o painel eletrônico.

Ali estava escrito: Guarda de Segurança. As palavras pulsavam na tela, como um coração vivo.

Automaticamente Ed olhou para o guarda de segurança que estava do lado de fora da porta do banco.

E voltou a olhar para o painel da máquina.

Tire a arma dele, estava escrito ali.

Ed não conseguiu controlar-se e olhou de novo para o guarda, e para o revólver que ele trazia no coldre da cintura.

Ed fechou os olhos com toda a força. Mas não conseguiu mantê-los fechados. Era como se alguém, com dedos muito fortes, o estivesse obrigando a abrir os olhos para ler a nova mensagem que aparecia no painel da máquina.

Mate-os todos.

Ed fez a única coisa que poderia fazer.

Bateu com toda a força no botão de cancelamento de operações da máquina.

O guarda de segurança viu o que ele fez e veio correndo.

— Ei! O que é que você está fazendo? — perguntou ele. Ed continuou batendo. E o guarda perguntou, agarrando-lhe o braço: — O que há de errado com você, homem?

Ed conseguiu livrar-se dele.

E saiu correndo pela rua.

Tinha de afastar-se daquela máquina maluca. E tinha de livrar-se do guarda

de segurança do banco.

Mas como poderia fugir de si mesmo?

Capítulo 4

Tarde da noite, Mulder estava sentado sozinho no escritório do xerife. Mas não se sentia sozinho. Com ele estavam os corpos das vítimas que ele havia visto no elevador do prédio do Banco Comercial — isto é, as fotos tiradas daqueles cadáveres, presas com alfinetes a um grande quadro de avisos. Também estavam em sua companhia as fotos das vítimas de outros crimes semelhantes, ocorridos nos meses recentes.

Ao lado dessas imagens, no mesmo quadro, estavam as fotos dos assassinos, tiradas muito antes dos crimes. Mulder tinha ficado olhando para elas durante horas seguidas. Mas, até aquele momento, as imagens não lhe haviam informado coisa alguma.

E tinha outra pessoa na companhia de Mulder. O modem de seu computador laptop o mantinha ligado com Scully. Ele podia até imaginar a expressão dela, enquanto escrevia o seu relatório, que no mesmo instante aparecia no visor do computador da agente.

Na sua mente, Mulder via Scully sentada diante do terminal do computador em sua sala, na sede central do FBI, em Washington D.C. Ela devia estar usando os óculos de grau, de olhos arregalados para a tela iluminada. Aqueles óculos lhe davam a aparência de professora. Claro que era uma professora muito bonita e bem vestida. Mas sempre preocupada em dar notas e corrigir os erros do relatório, procurando cuidadosamente por falhas de informação e de lógica. Especialmente nos relatórios preparados por seu parceiro, Fox Mulder.

Era contra a natureza de Scully aceitar a maior parte das estranhas e desconstruídas idéias de Mulder. Ela preferia ficar com as explicações lógicas, que pudessem ser confirmadas pela ciência.

Dessa vez, o próprio Mulder esperava que ela encontrasse uma explicação clara para o episódio que ele investigava. Aquele caso o estava deixando aturdido.

"As pessoas que cometem assassinato dividem-se em dois grupos gerais", digitou ele no teclado do computador. "Primeiro, temos os assassinos de impulso, que ficam loucos de repente e matam diversas pessoas por causa de uma repentina

explosão de ódio e insanidade. Depois, temos os assassinos seriais, que matam e voltam a matar, durante um longo período de tempo, por causa de alguma desordem mental profundamente arraigada no seu inconsciente."

Mulder fez uma pausa e olhou de novo para as fotos dos assassinos mortos. Eram bem diferentes das granuladas fotos em preto-e-branco que os fotógrafos da polícia tinha tirado dos cadáveres das vítimas, todos com as roupas ensangüentadas. As fotos dos assassinos eram coloridas e mostravam pessoas bastante alegres e sorridentes.

Mulder suspirou e voltou a digitar o seu relatório: "O perfil dos assassinos que encontramos aqui não combina com o padrão de assassino levado por impulso, nem de assassino serial. Na verdade, eles mais parecem ser vítimas de ambos os tipos de assassinos que tomamos como medida padrão".

Mulder olhou uma vez mais para as fotos e continuou digitando. Uma linha horizontal formou-se em sua testa. "Os assassinos daqui eram todos pessoas da classe média, gente muito equilibrada e responsável. Nenhum deles jamais havia manifestado qualquer tipo de desordem mental. E nenhum jamais havia cometido um ato de violência. Os parentes e amigos informaram que na vida de todos eles só haviam sido observados sinais de distúrbios leves. Alguns tinham tido problemas para dormir, outros queixavam-se de dores de cabeça e outros ainda manifestavam uma certa inapetência ou apetite exagerado. Mas nada que pudesse ser considerado como algo além do estresse normal da vida moderna."

Mulder parou de digitar e examinou com cuidado a foto de Gary Taber. Na foto, o homem estava em pé ao lado de uma churrasqueira. Mostrava orgulhoso uma salsicha que havia acabado de assar, e que estava na ponta de um garfo comprido. Na outra mão havia um pão de hot dog. Ao seu lado, sorrindo, estava um garotinho de rosto sardento, seu filho.

Seria mesmo aquele o homem que havia selvagemente assassinado quatro pessoas de uma só vez?

Mulder balançou a cabeça e voltou a digitar no teclado do computador. "Os sobreviventes do último episódio de assassinatos múltiplos informaram que o suspeito havia mostrado sinais de estar sentindo-se mal dentro do elevador. Mas nada do que viram parecia suficiente para explicar o comportamento de extrema violência que caracterizou os crimes cometidos." Mulder fez uma nova pausa.

O rosto de Mulder tinha uma aparência bastante jovem, bem mais jovem do que ele de fato era. Mas havia momentos em que ele parecia bem mais velho.

Naquela noite, enquanto tentava pensar no que mais poderia dizer a Scully a respeito daquele estranho caso, ele parecia realmente velho.

Com o olhar perdido no espaço e as mãos apoiadas sobre o teclado, ele de repente sentiu todo o corpo congelar. De algum lugar, bem longe, vinha um barulho, baixo e repetitivo como um trovão. Ele franziu as sobrancelhas. A noite era clara e não se via uma só nuvem no céu. Não havia sinal algum de tempestade no horizonte.

Então, com a mesma rapidez como havia começado, o barulho desapareceu, e Mulder voltou a digitar no teclado.

Dana Scully estava sentada em seu escritório, olhando para a tela do computador e esperando que Mulder continuasse.

Os minutos foram passando.

No mesmo instante em que ela pensava ter havido algum problema com a linha telefônica, novas palavras apareceram na tela.

Tenho certeza de que algum fator externo deve ser responsável por tudo isso. Mas devo confessar que não tenho a mínima idéia do que poderia ser esse fator.

Os olhos de Scully mostraram grande preocupação. Ela nunca imaginara que Mulder pudesse um dia parecer tão desanimado.

Ela sentiu que estava ficando tensa enquanto esperava que ele continuasse,

Mulder olhou para uma foto da mão de Gary Taber. Foi virando as páginas do relatório mandado pelo laboratório a respeito da substância encontrada sob as unhas de Taber. Ele pensou que talvez Scully pudesse encontrar alguma coisa que ele não conseguia enxergar, e voltou a debruçar-se sobre o teclado do computador.

E continuou digitando: "Um resíduo descoberto debaixo das unhas do suspeito dos assassinatos mais recentes foi analisado pelo laboratório. Segundo os técnicos trata-se de uma substância química não definida, porém atóxica, normalmente encontrada nas plantas. Provavelmente tenha sido resultado de alguma atividade no jardim ou na horta da casa do suspeito, coisa bastante comum nesta comunidade agrícola".

Os dedos de Scully começaram a bater nervosamente sobre a mesa quando Mulder parou de novo.

Finalmente, as palavras voltaram a aparecer na tela.

"Já foram registrados vários casos de desordens mentais provocadas por abduções realizadas por alienígenas. Diversas pessoas que afirmaram ter sido abduzidas mostraram sinais de extrema paranóia, que poderia ser perfeitamente justificada."

Scully sorriu.

"Eu estava só esperando para ver quando você ia começar com essa história, parceiro", pensou ela consigo mesma, enquanto esperava que Mulder continuasse.

Seu sorriso desapareceu dos lábios, no entanto, quando ela leu as frases

seguintes: "No entanto, não estou encontrando provas de que este ou qualquer outro tipo de fenômeno ufológico possa aplicar-se a este caso. Nenhuma prova mesmo".

Houve outra pausa na comunicação.

Depois apareceram novas palavras, mais lentamente do que antes. Scully podia perceber que Mulder estava ficando muito cansado.

"Os vários assassinatos parecem ter apenas um elemento em comum. Em um dos casos, um aparelho eletrônico foi destruído na cena do crime. Houve um 'bip' uma máquina de fax, um aparelho de telefone celular, o mostrador digital de um elevador, e assim por diante. No entanto..."

Outra pausa.

Então: "No entanto nada disso me diz coisa alguma. Com toda sinceridade, Scully, eu nunca tive tamanha dificuldade como agora para desenvolver uma teoria sobre o que poderia estar por trás de um crime".

A pausa seguinte durou apenas alguns segundos.

"Não existe modo algum neste mundo de saber quem poderá tornar-se um assassino. Nem quem poderá acabar assassinado."

Scully ficou de olhos pregados na tela quando Mulder desligou. Ela tentou encontrar um argumento que servisse para convencer seus superiores a concordar em mandá-la para ajudar Mulder naquela investigação. Ela tinha certeza de que naquele momento, mais do que nunca, Mulder precisava da ajuda dela.

As últimas palavras dele permaneceram na tela. Scully sentiu um calafrio ao lê-las de novo.

"Não existe modo algum neste mundo de saber quem poderá tornar-se um assassino. Nem quem poderá acabar assassinado."

Capítulo 5

A senhora Bonnie McRoberts amava o marido, Sam. Mas, algumas vezes, desejava que ele não vivesse sempre tão ocupado no trabalho. Gostaria que ele pudesse ficar mais ao seu lado quando precisava dele. Como naquele momento.

Bonnie estava parada em uma esquina, na periferia de Franklin. O bairro onde estava era o que naquela cidade havia de mais parecido com uma favela. Bonnie havia saído diretamente do trabalho para ir até ali, e, em suas elegantes roupas de mulher de negócios, sentia-se tão deslocada como um peixe fora d'água. Ela podia

sentir os olhares curiosos das pessoas que moravam nos casebres inacabados daquela rua. Estava escurecendo, e apesar de todo o desconforto que havia tomado conta dela, ainda hesitava em dirigir-se à suja oficina que ficava do outro lado da esquina.

Seu marido lhe dissera que eles economizariam muito dinheiro levando o carro para ser consertado ali. Tinha ouvido alguém dizer que a Ace Auto Repairs fazia um bom trabalho, cobrando muito pouco. Porém, não havia sido ele quem fora levar o carro àquele lugar, nem ido buscá-lo. Essa responsabilidade tinha ficado para ela porque, afinal de contas, fora ela quem provocara o acidente, segundo Sam — Não que tivesse sido uma grande batida. Ela só havia tido um repentino ataque de ódio quando o cara do Camaro cortara-lhe a frente, com o rádio estourando a todo volume.

Mas Sam jamais iria acreditar que o acidente não tinha sido culpa dela. Ele sempre dizia que ela ficava nervosa demais por trás do volante. O pior de tudo é que Bonnie sabia que as outras pessoas que a conheciam concordavam com ele. Ela podia ser uma excelente secretária executiva, bem paga e bem vestida, mas, aos olhos dos homens da cidade inteira, quando estava dirigindo ela não passava de outra péssima motorista.

Bastava tomar como exemplo o dono daquela oficina. Era o típico machão americano. Um verdadeiro porco chauvinista. Nem ao menos disfarçara o sorriso sarcástico quando vira o carro amassado que ela levava para consertar e tentara explicar o acidente. Ela tinha visto o brilho de ganância nos olhos dele ao começar a fazer os cálculos de quanto poderia cobrar pelo conserto. Ela teria pedido ao marido para ajudar, mas seu orgulho era grande demais para isso. Uma atitude dessas teria feito Sam ficar ainda mais convencido de que ela era apenas mais uma mulherzinha fraca e indefesa.

E ela tinha de admitir que seu maior problema era justamente esse, ou seja, estava mesmo sentindo-se fraca e indefesa naquele momento. Via-se praticamente à mercê daquele miserável mecânico. Como poderia fazer para que o homem não percebesse sua insegurança e ignorância quando ele falava a respeito de carburadores, baterias, engrenagens, pastilhas de freio e outras coisas misteriosas que havia por baixo da lataria do carro? Como poderia evitar que ele partisse para cima do seu cartão de crédito, como um tubarão ao sentir cheiro de sangue?

Bonnie endireitou o corpo, procurou dar uma rápida alisada na saia e caminhou para a oficina.

Teve vontade de tampar o nariz quando sentiu o fedor de graxa, óleo, e Deus sabe mais o quê havia no ar. Era uma oficina escura, exceto pela lâmpada pendurada num cordão, que estava acesa no interior do capô de seu Volvo, parado no fundo da

oficina.

— Olá! — gritou Bonnie, aproximando-se do carro.

O mecânico que estava curvado sobre o carro, endireitou o corpo. Seu nome era Joey.

Ele limpou as mãos de graxa no macacão ainda mais escuro ao reconhecer Bonnie.

— A senhora está atrasada — disse ele. — Tempo é dinheiro, sabia?

— Desculpe — disse Bonnie —. Eu tentei telefonar para avisar que ia chegar tarde, mas ninguém atendeu ao telefone. E não tinha secretária eletrônica...

— É, eu não tenho secretária de espécie alguma — disse Joey—. Meu negócio é pequeno, e não tenho nenhum desses recursos modernos. Por isso é que posso trabalhar cobrando tão pouco.

— Houve uma verdadeira crise lá na firma. Apareceu trabalho na última hora e... Mais uma vez, desculpe — Bonnie resolveu parar por ali mesmo. Não tinha de dar explicação alguma, e não queria que o homem percebesse nela qualquer sinal de fraqueza ou medo. Depois de uma rápida pausa, ela arrematou: — Se o carro estiver pronto eu quero dar uma olhada na conta. Vou pagar e seguir meu caminho.

— A senhora conseguiu fazer um estrago e tanto nesta máquina — disse Joey, coçando a cabeça cabeluda. Ele tinha uma suja faixa de pano vermelho amarrada à cabeça. Aquilo o fazia parecer ainda mais pirata do que de fato era.

— O senhor conseguiu consertar direitinho? — perguntou Bonnie, com voz firme.

— Claro. Eu consigo consertar qualquer coisa.

— Ótimo! — exclamou Bonnie, esperando que Joey não conseguisse perceber o quanto ela estava aliviada —. Então, eu vou pagar o que devo e...

Joey a interrompeu:

— Acontece que, quando fui consertar, acabei encontrando outros problemas no carro. Problemas muito sérios, sra. McRoberts — algumas luzes se acenderam no cérebro de Bonnie. Luzes de advertência. Caminhando para a parte dianteira do carro, Joey continuou: — Venha até aqui que eu vou lhe mostrar.

Quando Bonnie ainda era menina, seu pai costumava assustá-la com histórias de bicho-papão. Quando o mecânico fez um gesto para que ela se aproximasse e ficasse ao seu lado, Bonnie lembrou-se do bicho-papão, do pavor incontrolável que ela sentia quando ouvia esse nome...

"Vamos, Bonnie, você está bem crescidinha agora", procurou ela dizer a si mesma, tratando de manter a expressão mais neutra possível, e de andar com a maior confiança que conseguia demonstrar.

Ela mal chegara ao lado do mecânico quando o motor do carro começou a funcionar. Ela quase saltou de dentro da própria pele, tamanho o susto.

— Desculpe se a assustei, sra. McRoberts — disse Joey, não demonstrando a mínima pena dela —. Ou talvez prefira que a chame de Bonnie.

— Não, sra. McRoberts está ótimo — disse Bonnie — E também estará ótimo se me der uma rápida explicação a respeito do que está tentando fazer.

— Muito bem — disse Joey. E apontou para um aparelho ligado ao motor do carro dela: — Está vendo esta máquina aqui? É um aparelho especial para diagnóstico eletrônico de motores. Basta apertar este botão para dar partida ao motor. A máquina faz uma completa análise do funcionamento de todas as peças. E a gente pode ler o resultado aqui, neste monitor digital. — Joey apertou outro botão e o motor acelerou. Então ele explicou: — Está vendo isto aqui? Este motor deve produzir cento e sessenta e oito cavalos, quando está a seis mil e duzentas rotações por minuto. Mas o seu carro está longe disso.

— Sim, estou vendo — disse Bonnie. Para ela, era como se o mecânico estivesse falando grego.

— E isso é só o começo — disse Joey —. Dê uma olhadinha nisto.

Ele acelerou outra vez o motor do carro, e saiu da frente para que Bonnie pudesse ler o que dizia o painel eletrônico.

Bonnie disse a si mesma que devia mostrar a expressão mais inteligente que podia, embora tivesse certeza de que não conseguiria decifrar o que o painel mostrava.

Mas estava enganada.

A mensagem do visor eletrônico era bastante clara.

Mentiroso.

A voz de Joey parecia estar desaparecendo atrás dela.

— O ponto de ignição está completamente desregulado. Além disso, a transmissão está estourada. E isso sem falar...

Bonnie não deu atenção ao que ele dizia. Seus olhos estavam grudados no painel eletrônico da máquina. As luzes do mostrador diziam:

ELE ESTÁ MENTINDO.

— Vai custar uma nota para consertar, mas eu posso fazer tudo por um preço especial, porque a senhora é minha freguesa e é gente boa, — continuou Joey.

O suor desceu pelo rosto de Bonnie quando ela leu: Ele está roubando você, porque VOCÊ é mulher.

— Se a senhora resolver não consertar, é melhor mandar o carro para o ferro-velho — disse Joey.

Ele quer destruir seu carro. Ele quer destruir você. Trate de destruí-lo primeiro, dizia o painel eletrônico. Mate-o!

— Como eu estava dizendo, Bonnie, isto é, Sra. McRoberts, a decisão é sua — disse Joey.

Mate-o agora mesmo ! A mensagem iluminada no painel penetrou no cérebro de Bonnie como um raio.

Gritando de ódio ela apanhou uma ferramenta que estava sobre o chão sujo de graxa.

— Ei! Que diabo... — foi a única coisa que Joey conseguiu dizer, antes que a pesada ferramenta o atingisse bem no meio da testa.

O mecânico esfregou a testa com as costas de sua mão suja de graxa preta, para tirar o sangue que lhe caía sobre os olhos. Com a outra mão, ele apanhou um martelo.

Ao mesmo tempo, levantou a perna direita.

O violento chute atingiu o joelho de Bonnie. Ela tombou para trás, caindo sobre uma bancada cheia de peças, deixando cair a ferramenta.

— Vou pegar você, sua maldita... — rosnou Joey, caminhando resolutamente na direção dela, de martelo erguido.

Bonnie procurou por alguma coisa, qualquer coisa que pudesse usar como arma contra ele. Foi então que viu um abridor de latas de óleo, uma ferramenta de ferro, triangular e pontiaguda.

Ela agarrou com força o abridor de latas, no mesmo instante em que Joey segurava o martelo com as duas mãos, preparando-se para golpeá-la.

Bonnie saltou para o lado quando ele desferiu a martelada.

Ao mesmo tempo, enfiou com toda a força o abridor de latas, que entrou fundo no peito do mecânico.

O corpo do homem bateu no chão de concreto e não fez mais qualquer movimento.

Os saltos altos dos sapatos de Bonnie penetraram na mistura de sangue e óleo que havia no chão quando ela caminhou na direção do motor do carro; desligou os fios da máquina de diagnóstico e fechou o capô.

E ainda deu uma última olhada no painel eletrônico.

Estava escrito: Análise completa. Próximo.

Bonnie abriu a porta do carro, sentou-se ao volante e deu a partida.

Como ela imaginara, o barulho do motor estava perfeitamente normal.

Capítulo 6

— Não estou entendendo por que resolveu vir até aqui, agente Mulder — disse Spencer — Este assassinio nada tem a ver com a investigação que você veio fazer aqui na cidade.

— Desculpe se dou a impressão de estar me intrometendo no seu trabalho, xerife — disse Mulder —. Pode estar certo de que não estou duvidando de sua competência. Mas uma parte importante do meu trabalho é ver se este assassinio tem ou não relação com os outros.

— Pois seja como quiser — aquiesceu Spencer, dando de ombros —. Mas você faz o seu trabalho e eu faço o meu. Vamos ver quem descobre o assassino primeiro.

Os dois estavam em pé na escuridão da oficina da Ace Auto Repairs. Já havia amanhecido, mas a luz fraca da aurora mal conseguia atravessar os vidros sujos de graxa das janelas muito pequenas. A polícia havia trazido holofotes para iluminar a cena do crime.

O cadáver do mecânico fora levado para o necrotério, para ser submetido a uma autópsia. Mas não havia mistério algum sobre o modo como ele morrera. O enorme furo em seu peito e o abridor de latas de óleo com a ponta cheia de sangue revelavam tudo.

Mulder olhou para a foto do cadáver, e depois para a ferramenta ensanguentada, guardada em um saco de plástico transparente. Correu os olhos pela oficina, onde diversos policiais colhiam impressões digitais, amostras do sangue derramado, e tiravam medidas, fazendo anotações e realizando um levantamento completo de tudo o que estava à vista.

A sombra de um sorriso iluminou o rosto de Mulder. Ele de repente achou que a polícia local tinha decidido mostrar tudo o que sabia, para impressionar o visitante, importante agente do FBI.

Infelizmente aquele esforço todo não estava produzindo nenhum resultado.

— Vamos identificar o assassino em uma questão de horas — disse o xerife Spencer —. A ferramenta de ferro e o abridor de latas de óleo estão cheios de impressões digitais. Assim que nossos computadores entrarem em contato com os bancos de dados da polícia estadual e do FBI, vamos saber quem é o nosso homem.

— Supondo que o assassino seja mesmo um homem — disse Mulder.

— Levando em conta a violência do crime, eu não tenho dúvida alguma a respeito disso — afirmou Spencer.

— O senhor também está supondo que as impressões digitais do assassino estão guardadas nos arquivos policiais — disse Mulder —. Está presumindo que o assassino não era um cidadão obediente à lei, isto é, alguém cujas impressões nunca foram tiradas por jamais ter violado a lei. Está presumindo que o assassino não era alguém parecido com os autores dos outros crimes que estamos investigando.

Spencer começou a falar como se estivesse perdendo a paciência:

— Como eu já disse, acho que está mais do que claro que... Ele foi interrompido pela chegada de outro homem, alto e bem vestido, aparentando ter pouco mais de quarenta anos de idade. Tudo na sua presença irradiava um certo ar de autoridade.

— Olá, Spencer. Como vai indo a investigação? — perguntou ele.

— Mais ou menos conforme o esperado, Larry — quando o recém-chegado dirigiu um olhar curioso para Mulder, Spencer acrescentou: — Larry, este é o agente Mulder, do FBI. Veio até aqui em missão especial, a nosso pedido. Agente Mulder, este é Larry Winter, nosso supervisor administrativo.

Larry Winter estendeu a mão para cumprimentar Mulder e perguntou:

— O senhor por acaso sabe se este assassinato tem alguma relação com todos os outros que ocorreram por aqui recentemente?

Antes que Mulder pudesse responder, Spencer falou:

— Não me parece que haveria qualquer relação.

Winter voltou-se para o xerife, e disse:

— Então eu devo me sentir aliviado, ou assustado? Estamos diante de uma epidemia ou de crimes copiados?

— Acho que posso dizer com toda segurança que aqui não se trata de cópia dos outros assassinatos — afirmou Spencer —. Primeiro, porque o crime não foi cometido em um local público. Segundo, porque o suspeito conseguiu fugir, encobrindo os seus rastros. Além disso, o assassino não parece ter trazido de fora a arma do crime, como se tivesse premeditado tudo. Acho que, somados todos estes fatos, estamos diante de um crime comum, bastante violento, mas diferente dos outros atos de loucura que estamos investigando.

— O senhor tem a mesma opinião, agente Mulder? — perguntou o supervisor administrativo.

— Esta investigação mal começou, e confesso que ainda não tenho opinião formada a respeito — respondeu Mulder —. Estou apenas procurando juntar toda informação que for possível obter. Minha esperança é de que tudo venha a combinar em determinado momento, permitindo formar algum padrão de relação entre todos os crimes, aparentemente sem ligação alguma. Mas, por enquanto, ainda não consigo

enxergar esse padrão.

Winter balançou a cabeça, e depois perguntou:

— Seria mais ou menos o mesmo que combinar todas as peças de um quebra-cabeças, até formar uma figura?

— Pode-se dizer que sim — respondeu Mulder — Mas, neste caso, as peças parecem ter formato muito mais complicado do que o normal. Vai ser muito difícil combinar tudo o que encontramos para formar uma figura que possamos reconhecer.

O xerife Spencer balançou a cabeça e disse:

— Quando se trata do crime ocorrido aqui nesta oficina, eu sinto muito, mas não concordo. Afinal de contas, temos na mão praticamente tudo de que precisamos para resolver o caso hoje mesmo. O único furo que encontramos por enquanto é o motivo do crime. E, para descobrir isso, eu sugiro que sigamos a regra de ouro de seguir a pista do assassino. Vamos atrás do dinheiro. Permitam que eu mostre o que já conseguimos descobrir.

O xerife fez um gesto para que o acompanhassem, mas Mulder o fez parar, dizendo.

— Antes eu gostaria de verificar mais uma coisinha. Mulder tinha visto uma máquina com um grande painel eletrônico, que estava em um dos cantos da oficina. Caminhou na direção dela como uma abelha em busca de mel.

Quando chegou perto da máquina, viu que o painel eletrônico ainda estava intacto. E leu a mensagem acesa: Análise completa. Próximo.

— Está convencido agora? — perguntou o xerife — Pode riscar este crime da lista de assassinatos malucos que está investigando.

— Sou obrigado a concordar — disse Mulder. Olhou uma vez mais para o painel eletrônico e seguiu Spencer e Winter, que entravam por uma porta de madeira sem pintura, que dava passagem para um pequenino escritório. Lá dentro havia uma velha escrivaninha, coberta por montes de notas fiscais, faturas e pedaços de papel com anotações feitas a mão.

— Já examinei alguns desses papéis — disse Spencer — e acho que posso adivinhar uma das razões pelas quais alguém mataria um mecânico como esse. O sujeito era um ladrão. Basta olhar para as peças que ele cobrava dos clientes, e comparar a lista com as que ele comprava. Esta oficina devia ser o centro mundial da roubalheira. Acho que isso explica por que não existe um carro para ser consertado aqui. Acho que os fregueses começaram a perceber e se afastaram.

Mulder não prestava muita atenção às palavras do xerife, enquanto examinava os papéis sobre a mesa.

Spencer tinha razão. Era fácil perceber que o mecânico era mesmo um ladrão.

Ali havia uma série de faturas de compra de filtros de óleo e filtros de ar. Junto com elas, estavam notas fiscais cobrando dos fregueses a instalação de sistemas completos de transmissão e outras peças importantes e muito caras.

De repente, Mulder parou.

Olhou de novo para a fatura que acabara de ler. E tornou a reler o que o documento dizia:

"MARCA DO CARRO: Volvo 1991, quatro portas.

NOME DO CLIENTE: Sra. Bonnie McRoberts, Rua Oak n- 50.

PECAS FORNECIDAS: relógio de horas digital/hodômetro principal.

Nº DA PEÇA: 149WX541.

SERVIÇO REALIZADO: troca do relógio quebrado no painel."

Os lábios de Mulder quase chegaram a assobiar. Então ele disse, como se estivesse com pressa:

— Este crime está relacionado com os outros. Vamos! Temos de andar depressa.

Capítulo 7

Bonnie McRoberts estava dando os toques finais na sua maquiagem quando ouviu a campainha da porta da frente. Droga! Droga! disse ela consigo mesma. Alguém tinha de aparecer na minha porta justamente quando estou tão atrasada!

Naquela manhã Bonnie havia esquecido de ligar o despertador. Tinha levantado tarde, e a última coisa que queria no mundo era chegar atrasada ao trabalho. A empresa de advocacia para a qual trabalhava tinha comprado outra firma menor, cerca de um ano antes, e desde então tinha havido uma drástica redução no número de funcionários. Ninguém tinha a menor idéia de quem seria o próximo a ser despedido. E, se Bonnie fosse dispensada, perderia seu seguro de saúde, e talvez até o marido! Ela não sabia como seria o seu relacionamento com Sam se os dois tivessem de controlar cada centavo que ganhavam, deixando de usufruir de todas as coisas que tornavam a vida tão boa. E tinha medo só de pensar nisso.

Bastante irritada, ela abriu a porta.

Na sua frente apareceu um homem de aparência muito jovem, que vestia um

terno escuro. Atrás dele estava outro homem, de bigode muito bem aparado, que usava uniforme de policial do condado.

Mulder notou que a mulher estava muito bem arrumada, com uma aparência impecável, e vestia um bonito conjunto de saia e casaco cor de cinza.

— É a sra. McRoberts? — perguntou ele.

— Sim.

— Sou o agente especial Fox Mulder, do Bureau Federal de Investigação — comunicou Mulder, mostrando sua carteira de identidade — Este é o xerife Spencer. Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas.

— Olhe, eu gostaria muito de poder ajudar os senhores — disse Bonnie —. mas já estou bastante atrasada para o trabalho. Talvez na hora do almoço...

— Sinto muito, mas o assunto é urgente — comunicou Mulder —. Se chegar atrasada ao trabalho, pode pôr a culpa em mim. Podemos entrar?

Bonnie encolheu os ombros e abriu mais a porta. Depois que Mulder e Spencer entraram, ela fechou a porta e os levou pela sala de visitas, a caminho da cozinha.

— Perdoem-me pela bagunça da casa — desculpou-se ela, embora Mulder pudesse ver que tudo estava na mais perfeita ordem—. É muito difícil trabalhar fora e ainda manter a casa limpa e arrumada. Meu marido ajuda um pouco, cuidando da grama, juntando as folhas que caem e coisas assim. Mas age como se fosse proibido por lei o homem passar o aspirador de pó na casa. Isso sem falar na máquina de lavar, na lavadora de louça e no forno de microondas. Por falar nisso, os senhores se incomodam se eu preparar o meu café da manhã?

— É a refeição mais importante do dia — disse Mulder.

— Eu gostaria de ter tempo para preparar uma refeição decente a esta hora — lamentou-se Bonnie —. Mas a minha vida é uma constante correria. Algumas vezes eu tenho tanta coisa a fazer que tenho até vontade de gritar.

— O trabalho da mulher nunca termina — concordou Mulder.

— Os senhores aceitam alguma coisa? — perguntou Bonnie, tirando um pacote de pão do congelador da geladeira.

— Não, obrigado. Hoje nós tomamos o nosso café da manhã bem cedinho — respondeu Mulder.

— Aposto que comeram rosquinhas com café — brincou Bonnie —. Ouvi dizer que é só isso que os policiais têm tempo para comer.

— Dia e noite, infelizmente — disse Spencer, cuja barriga dobrava por cima do cinturão de couro —. E vivo dizendo a mim mesmo que preciso fazer regime...

Ele olhou para Mulder, como se estivesse perguntando em silêncio o que eles

estavam fazendo ali, tão cedo, amolando uma mulher tão simpática e agradável como aquela?

— A senhora teve algum problema com seu carro recentemente? — perguntou Mulder a Bonnie, quando ela colocava algumas fatias de pão no forno de microondas.

— É meu marido quem cuida desse departamento — respondeu Bonnie, apertando um botão no painel de controle. O mostrador eletrônico do forno de microondas acendeu com a palavra: descongelamento .

— Podemos conversar com ele?

— Infelizmente ele viajou de carro para Pittsburgh, para uma reunião de negócios. Saiu pouco antes do amanhecer. Pobre homem. Trabalha quase tanto quanto eu — disse Bonnie, esperando que o mostrador do forno indicasse quando o pão estava pronto.

Ao invés disso, apareceu outra coisa no painel. Ele sabe. As palavras piscaram no painel iluminado. Ao mesmo tempo Mulder tirava um pedaço de papel do bolso e dizia:

— Esta ordem de serviço de uma oficina tem o seu nome escrito. E foi assinada pela senhora. Por acaso a senhora foi lá buscar o seu carro ontem à noite?

O forno de microondas deu um apito.

Os olhos de Bonnie foram de volta para o painel eletrônico.

Mate os dois! dizia o painel.

— Sim — respondeu ela.

— E quando a senhora foi buscar o carro, por acaso não percebeu...? — Mulder interrompeu sua pergunta. A mulher não estava prestando atenção no que ele dizia. Tinha os olhos fixos no painel eletrônico do forno de microondas.

Ele também olhou para o painel. Viu apenas a hora que o mostrador indicava: 7h35.

Considerando a expressão de pânico que tomava conta do rosto de Bonnie, ela devia mesmo estar apavorada, com medo de chegar atrasada ao trabalho. Não parecia estar ouvindo uma palavra do que ele dizia.

Quando ela tirou de dentro do forno as fatias de pão, ele tentou perguntar de novo:

— Sra. McRoberts, seria possível me contar como foi que estragou o relógio eletrônico do painel do seu carro?

Atrás de Mulder, Spencer coçou a cabeça. A que relógio eletrônico estaria Mulder se referindo?

Bonnie parecia estar igualmente confusa. Ela balançou a cabeça como se

estivesse perdida, enquanto passava geléia de morango em uma das fatias de pão.

— Sra. McRoberts — insistiu Mulder—, estou esperando por sua resposta.

Ele tentou olhar bem para os olhos dela, mas Bonnie virou para o outro lado. Olhou para fora da janela, tremendo, como se lá fora fosse o único lugar do mundo para onde ela podia olhar sem medo.

— Quem foi que quebrou o relógio do carro? — perguntou Mulder com delicadeza — Como foi que aconteceu?

Todo o corpo da mulher começou a tremer. E ela respondeu:

— Fui eu. Eu quebrei o relógio. Mas, por favor, não me pergunte mais nada.

— Por quê? Por que foi que a senhora fez isso? — continuou Mulder —. Por acaso viu alguma coisa estranha no mostrador? — de olhos fechados, Bonnie balançou a cabeça, mas não conseguiu disfarçar um soluço. E Mulder disse: — Eu posso ajudá-la, sra. McRoberts. Diga-me exatamente o que foi que viu.

Ele tocou de leve no ombro dela.

Foi o suficiente para que os olhos da mulher se arregalassem.

Mas ela não olhou para Mulder. Em vez disso, seus olhos concentraram-se no painel eletrônico do forno de microondas.

Os olhos de Mulder seguiram o olhar dela.

Tudo o que ele viu foi o horário assinalado no painel digital.

Ele jamais saberia o que ela via.

Brilhou então uma lâmina de aço, quando Bonnie agarrou uma faca de cozinha que estava sobre um dos gabinetes.

Mulder ergueu o braço para defender-se do corte da faca, baixada com violência contra o seu peito.

A dor tomou conta de todo o seu antebraço e ele deu um salto brusco para trás. O sangue deixou vermelha a manga de seu paletó.

Atrás dele, Mulder ouviu Spencer gritar:

— Pare!

Bonnie tinha atingido Mulder com toda a força de seu corpo, no mesmo instante em que ele saltava para trás. Perdendo o equilíbrio, ele caiu de costas no chão. No mesmo instante, a mulher saltou sobre ele.

Mulder olhou para dentro dos olhos dela quando ela ergueu a faca de novo.

Era o mesmo que estar olhando para a noite sem luar nem estrelas. Era como se ele estivesse olhando para sua própria sepultura.

Quando ele ouviu o tiro, foi como se viesse de muito longe, embora tivesse um barulho ensurdecedor, disparado pela arma do xerife Spencer, que estava a apenas alguns centímetros de distância.

Capítulo 8

O corpo de Bonnie McRoberts havia chegado ao laboratório do FBI uma hora antes. No laboratório, Scully vestiu um avental e colocou os grandes óculos de plástico para proteção da vista, assim como um par de luvas de látex.

O corpo branco de Bonnie estava sobre um lençol branco. Foram os buracos deixados pelas quatro balas que haviam colocado fim à sua vida, o corpo da mulher estava em excelente estado. Scully ajustou a posição do microfone pendurado sobre sua cabeça e ligou o pequeno gravador, antes de realizar a primeira incisão.

Agia da maneira mais profissional possível quando começou a realizar o exame do cadáver.

Sua voz não titubeou nem tremeu um instante sequer enquanto ela fazia o relatório de suas descobertas.

Mulder quase conseguia ouvir aquela voz calma e fria ao ler o relatório que Scully havia preparado a respeito de Bonnie McRoberts.

Ele estava sentado no seu quarto de hotel, com o pequeno computador laptop ligado à sua frente, lendo as palavras que Scully transmitia:

"Várias características fora do comum foram descobertas durante o exame que realizei. Não foram encontradas nas autópsias de outros suspeitos que haviam morrido antes, embora eu ache que também poderiam estar lá", digitou Scully. "É sabido que os níveis de adrenalina são muito elevados nos casos de morte violenta, chegando a ser duas vezes mais altos do que nas vítimas de morte natural. Mas os níveis de adrenalina encontrados em Bonnie McRoberts estavam duzentas vezes acima do normal."

Os olhos de Mulder arregalaram-se. A adrenalina é uma substância muito poderosa. É um hormônio que as glândulas supra-renais produzem nos momentos em que a pessoa sente medo. Ou ódio. Ou ambos. É uma reação do organismo ao perigo. Ou ao estresse. Ou a ambos. Nos casos mais extremos, pode produzir explosões de força sobre-humana. Sabe-se de casos muito estranhos, como o de uma pessoa que conseguiu levantar um automóvel do chão, usando apenas as próprias mãos, por causa da influência da adrenalina. Era difícil imaginar o que seria capaz de fazer uma pessoa com um nível de adrenalina "duzentas vezes acima do normal".

Pelo menos de uma coisa Mulder tinha certeza: aquele nível de adrenalina seria mais do que suficiente para dar a um homem a força e a velocidade necessárias para matar quatro pessoas dentro de um elevador, em questão de poucos segundos. Também era o suficiente para permitir a Mulder a sorte de estar vivo, depois de seu

surpreendente encontro com Bonnie McRoberts.

Ele passou a mão pelo espesso curativo colocado sobre o ferimento em seu braço, e voltou a concentrar-se no relatório de Scully.

"As glândulas supra-renais da mulher estavam consideravelmente danificadas. Mas não por causa de doença. Parece que os danos que encontrei foram causados pelo excesso de uso — isto é, por uma freqüente e prolongada produção de adrenalina. Outras partes do corpo dela mostraram provas indicando uma extraordinária quantidade de ocorrências de intenso medo ou ódio. Ou ambos."

A memória de Mulder formou uma imagem de Bonnie McRoberts, quando ele a encontrara, ainda com vida. Lembrou-se de que a mulher parecia excepcionalmente irritada pelo fato de estar atrasada para o trabalho. Ele fez então uma anotação mental de investigar sobre o emprego dela, enquanto olhava para as palavras que Scully digitava, subindo linha por linha na tela do computador:

"O teste final que eu fiz foi de uma substância removida do globo ocular da pessoa examinada. Descobri uma elevada concentração de um composto químico desconhecido. Devo dizer que esse composto é bastante semelhante à substância analisada antes, a que fora encontrada sob a unha de um dos suspeitos."

Portanto, existe relação entre, pelo menos, dois dos casos de assassinatos, isto é, os de Gary Taber e Bonnie McRoberts, pensou Mulder. Ele curvou-se na direção da tela do computador. Não queria perder uma palavra sequer da análise que Scully fazia dessa relação entre dois dos casos que estavam sendo investigados.

"Ainda precisarei realizar testes mais específicos para poder ter certeza, mas acho que já posso arriscar um palpite. Minha opinião é de que esse composto químico desconhecido pode formar uma substância altamente poderosa, quando misturado à adrenalina e a outros compostos produzidos durante momentos de medo ou ódio. Esta substância é semelhante — embora não exatamente igual — ao ácido lisérgico."

Mulder não precisou esperar que Scully explicasse o que era ácido lisérgico. Ele já sabia do que se tratava, e o que a substância podia fazer. Tinha características capazes de transformar a mente humana em uma massa imprestável, virando-a do avesso e de cabeça para baixo, fazendo os pensamentos voarem para o espaço como um foguete e explodir em um milhão de cores.

A própria mente de Mulder já estava girando como um complexo de engrenagens, imaginando inúmeras possibilidades, quando ele leu na tela a sigla que Scully digitava no teclado de seu computador:

"LSD".

Capítulo 9

Ed Funsch limpou o suor que umedecia suas sobrancelhas. Estava com medo. Não que isso fosse coisa fora do comum. Ultimamente ele parecia estar com medo o tempo todo. E com medo cada vez maior. O engraçado era que nunca tivera tanto ódio na vida. Parecia que todas as coisas ruins do mundo se acumulavam em cima dele. O fato de ter sido despedido de seu trabalho no Serviço Postal tinha sido a gota d'água. Na verdade aquele não tinha sido lá um grande emprego, mas pelo menos se supunha que fosse um lugar onde seu trabalho estava garantido. Dava vontade de rir, se não fosse ele a vítima da piada. Aquilo teria sido suficiente para deixar qualquer pessoa doida de raiva.

Ei, Ed, procure controlar-se, homem! disse ele consigo mesmo. Não pode deixar os outros perceberem que está tão irritado. Ninguém vai dar emprego a alguém que se sente derrotado. E ninguém vai acreditar nas coisas que você anda lendo nos painéis das máquinas. Se falar disso a alguém, vão acabar prendendo você numa cela acolchoada de um hospício e jogar a chave fora. Você tem de se convencer de que as palavras que viu no painel das máquinas não passaram de algum tipo de pesadelo. Tem de se esforçar para acordar e manter-se devidamente controlado.

Nervoso, Ed olhou ao redor, para as pessoas que estavam na fila com ele. Tinha medo de que seus lábios estivessem se mexendo. Se os outros vissem, iriam pensar que ele estava louco. Mas percebeu que podia ficar calmo. Não haviam notado coisa alguma, e ninguém olhava para ele.

A fila estava andando depressa. Alguns minutos depois, chegava a vez de ele aproximar-se do balcão.

Um homem de camisa de mangas curtas, que parecia estar aborrecido, olhou para Ed, examinando-o de cima a baixo.

— Pois não? — perguntou ele, com uma voz sem expressão.

— Eu vim aqui para ver se a Superstores não está precisando de mim como empregado — disse Ed —. Isto é, eu sou capaz de fazer qualquer coisa. Posso trabalhar como vendedor, fazer entregas, trabalhar no almoxarifado. Ou talvez possa até ser guarda noturno. Se não, se for preciso, posso ajudar a manter a loja limpa, fazendo faxina, limpando banheiros, lavando as vidraças, qualquer coisa desse tipo. Enfim, posso fazer qualquer coisa que as pessoas fazem. E não precisa nem ser nesta loja. Eu sei que esta é uma grande cadeia de lojas. Eu posso ir trabalhar em qualquer loja de vocês onde houver uma vaga...

O homem que estava atrás do balcão olhou bem para Ed. E Ed sabia muito bem o que o outro via nele. Dava para colocar-se no lugar do sujeito. Ali, diante dele, estava um homem com uma aparência de dar pena, com cinqüenta e dois anos de idade, vestindo um terno barato, camisa com o colarinho puído, gravata cheia de manchas de comida, e sapatos de sola furada.

Ed sabia o que o homem ia dizer, antes que ele abrisse a boca.

— Desculpe, mas as contratações estão todas suspensas. Talvez sejam abertas de novo dentro de uns dois meses, se aumentarem o suficiente as vendas para o Natal.

Claro, pensou Ed. Eu estou acreditando nisso. Do mesmo jeito que acredito em Papai Noel.

— Bom, obrigado da mesma forma — Ed conseguiu dizer. De ombros caídos, ele afastou-se do balcão arrastando os pés. E foi na direção da porta de saída. Procurou lembrar que devia parar na divisão de supermercado da loja para apanhar uma lata de feijão para o jantar.

Mas não chegou ao departamento de venda de alimentos. Foi obrigado a parar quando viu um letreiro enorme, que parecia havê-lo atingido bem no meio dos olhos.

As letras vermelhas, brilhantes, diziam: Sangue.

O letreiro havia sido escrito na parede de vidro de um cubículo, onde estavam sentadas duas sorridentes mulheres de meia-idade.

Uma delas viu quando Ed parou, bem na frente do cubículo.

— Cavalheiro, não quer assinar seu nome na campanha de coleta de sangue da cidade? — perguntou ela, com um sorriso ainda maior e uma voz cheia de alegria.

A segunda mulher limitou-se a sorrir para Ed, estendendo a mão com uma caneta para ele assinar.

O sorriso das duas mulheres desapareceu quando elas notaram a reação de Ed.

Apalavra sangue parecia estar dançando diante dos seus olhos, como se as letras vermelhas estivessem derramando sangue.

Ele cambaleou e afastou-se do cubículo, indo de encontro a outra mulher, que carregava uma criança no colo.

—Desculpe, dona — resmungou Ed, piscando os olhos com força, e afastando-se o mais depressa possível.

Instantes depois ele se viu no departamento de venda de produtos eletrônicos da loja. Nas prateleiras da parede havia um total de vinte receptores de televisão, cada um sintonizado em um programa diferente.

Ed olhou desesperado para as telas. Qualquer coisa serviria para limpar da sua visão aquela palavra vermelha de sangue! Além disso, ele sempre tivera uma paixão especial pela televisão, que era o único jeito que conhecia de tirar da cabeça todos os problemas que vinha enfrentando na vida.

Naquele instante, por alguns momentos, a televisão foi a solução.

Ele ficou olhando um desenho animado do gato correndo atrás do ratinho, e chegou até a rir. Viu o homem do tempo apontando para uma foto da Terra, tirada por um satélite, e começou a sentir-se mais relaxado. Viu uma mulher vendendo braceletes de ouro, um homem falando para a câmera, enquanto aparecia no rodapé a informação das cotações da bolsa de valores, um doente deitado sobre a mesa de operação numa cena de novela, e um arremessador de beisebol atirando uma bola curva.

De repente, bem na frente dos seus olhos arregalados, Ed viu as imagens mudarem.

Viu um homem sendo violentamente agredido por policiais. E um franco atirador, deitado sobre o telhado de um prédio, atirando em pessoas inocentes que passavam pela rua, lá embaixo. Viu um bando de skinheads gritando expressões de ódio, e um assassino serial falando calmamente sobre as suas vítimas. E viu um vídeo ilustrando a violência da América.

Não... não... não! resmungou ele. Mas não conseguia afastar os olhos das telas de TV, enquanto novas imagens iam se sucedendo, cada vez mais rápidas, mais brilhantes e mais sanguinárias.

Então os seus olhos procuraram refugio na única tela que não mostrava imagem alguma.

Ali só havia três palavras: atrás de você.

Ed virou-se para trás.

Ele viu muitas espingardas de caça. Filas e mais filas de espingardas, dentro de armários com portas de vidro. Todas à venda, para qualquer pessoa que tivesse alguns dólares disponíveis. Cada arma garantia uns bons tiros para cada dólar gasto na sua compra.

Piscando, Ed tornou a olhar para a TV.

A nova mensagem era curta e doce:

Vá em frente.

Capítulo 10

Mulder foi visitar os Pistoleiros Solitários, em Washington D.C. Chamavam-se Byers, Langly e Frohike. No seu escritório de Washington, eles publicavam uma revista, acessavam a Internet e disseminavam suas opiniões para todo o restante do país e do mundo.

Mulder tomou um voo que ia direto de Franklin para Washington. No modo de ver do FBI, Byers, Langly e Frohike faziam até Mulder parecer uma pessoa perfeitamente sadia.

Mulder tinha de concordar que Byers, Langly e Frohike eram pessoas um tanto estranhas. Mas também era estranha toda uma série de coisas que estava acontecendo no mundo inteiro. Coisas que o Bureau não podia ou não queria explicar. E a explicação que Mulder procurava agora era suficientemente estranha para chegar ao nível dos sinistros e perigosos segredos que ajudavam a encher os escuros aposentos onde operavam os Pistoleiros Solitários.

Mulder percebeu que os olhos dos três acenderam-se com interesse especial quando lhes contou o que havia acontecido.

— Eu estava em Franklin, Pennsylvania — disse Mulder. — Era de manhã bem cedo, e estava fazendo o meu cooper. Estava precisando muito de exercício e também queria limpar umas coisas da mente. Estou investigando um caso lá e... Bom, acho que não preciso entrar em detalhes a respeito. É melhor eu ir direto ao motivo desta minha visita.

— Boa idéia — disse Byers.

— Isso mesmo — concordou Langly.

— Você sabe que estamos sempre prontos a ajudá-lo — disse Frohike. — Ainda que você trabalhe para o governo...

— Nós sabemos que não vai ficar nesse emprego para sempre — declarou Byers. — Você faz muita onda. Algum dia eles vão cair na real e dar um jeito de livrar-se de você. Ou talvez você é quem possa cair na real e vir trabalhar ao nosso lado. Você sabe que sempre teremos um lugar reservado aqui, à sua espera, meu caro Fox.

— Isso sem falar na sua parceira — disse Frohike. — Por falar nisso, onde anda Scully?

— Dando treinamento aos novos recrutas na academia — respondeu Mulder. — Mas tenho certeza de que vocês não vão querer ficar aqui falando de Scully, quando poderiam falar sobre moscas... — acrescentou ele, sorrindo.

— Claro... — concordou Frohike — Moscas? O que há com elas?

— Bom, como eu ia dizendo, estava fazendo meu exercício um dia, bem cedinho, quando passou uma camionete com a caçamba fechada — explicou Mulder. — Vi o braço de uma pessoa estender-se para fora e deixar cair algumas coisas pretas. Quando a camionete desapareceu na curva, eu fui ver o que era aquilo. Descobri que eram moscas, centenas delas, que corriam de um lado para o outro no chão. Aqui está uma que eu apanhei para trazer-lhes.

Mulder enfiou a mão no bolso e tirou o inseto, que havia colocado dentro de um saquinho de plástico. A mosca não tinha sobrevivido à viagem, e ele a deixou cair sobre a superfície da mesa.

Depois, acrescentou:

— Mais uma coisa: a camionete tinha um emblema pintado na porta. Era da frota do governo municipal.

Isso era tudo que Byers, Langly e Frohike precisavam ouvir para se aproximar e formar um círculo ao redor da mosca morta. Mulder quase conseguia ver o cérebro dos três trabalhando.

Um de cada vez, eles examinaram a mosca através de uma grande lupa de alta capacidade.

— Na edição de abril de nossa revista — disse Byers — nós publicamos um artigo a respeito do modelo mais recente de uma câmera de vídeo em miniatura, que é usada pela CIA. Para ser mais preciso, trata-se do modelo CCDTH7321.

— É suficientemente pequena para ser instalada nas costas de uma mosca — informou Langly.

— Parece interessante. Imagine se alguém colocar uma mosca equipada com uma câmera dessas na parede da Sala Oval da Casa Branca — comentou Mulder.

— Eu não preciso imaginar isso — disse Frohike, com um sorriso sarcástico —. Já fiz isso!

— E então, esta mosca que eu trouxe está equipada para esse tipo de observação? — perguntou Mulder.

— Infelizmente não — respondeu Frohike.

Byers apanhou um caderno de notas e folheou-o rapidamente. Depois, anunciou:

— Esta é uma mosca de enxame eurásiana. Esses insetos costumam infestar a vegetação, geralmente as frutas como maçãs e morangos. São capazes de fazer um grande estrago nas plantações.

— Você disse que estava em Franklin, não foi, agente Mulder? — perguntou Langly —. É uma região onde existe uma grande produção de frutas. Talvez esta

mosca tenha sido objeto de um processo de irradiação, para ajudar no controle dos outros insetos que agem naquela área. É um método muito mais seguro do que qualquer pesticida. Uma pequena dose de radiação é mais do que suficiente para fazer com que as moscas fiquem incapazes de se reproduzir. Aí elas são soltas no meio das moscas normais. Não demora muito para que elas funcionem como uma bomba no meio da população de moscas.

— Ei, espere um pouco! — exclamou Byers, impaciente —. Tenho outra explicação para a presença desses insetos. Talvez os agentes de um país sul-americano, concorrente na produção de frutas, disfarçados como empregados municipais de Franklin, estejam lançando moscas férteis nas plantações de lá, para destruir os pomares.

— Desculpe, Byers, mas Langly tem razão — disse Frohike, que tinha acabado de examinar a mosca com mais cuidado —. A resposta certa é a radiação. Esta mosca foi mesmo bombardeada.

Mulder bateu de leve com a mão nas costas de Byers, e disse:

— Apesar disso, valeu a intenção.

— Mais algum probleminha que você gostaria que resolvêssemos? — perguntou Langly.

— Bem, tem mais uma coisinha — respondeu Mulder abriu a pasta, tirou de dentro um pedaço de papel e disse: — Este é o relatório de uma análise química realizada no laboratório do FBI. Por acaso vocês sabem alguma coisa a respeito desta substância?

Byers, Langly e Frohike leram o relatório, e todos eles balançaram a cabeça ao mesmo tempo.

— Obviamente você não leu a edição de agosto de nossa revista — disse Byers.

— Desculpem, rapazes — disse Mulder —, a revista de vocês chegou no mesmo dia da edição de agosto de Ciência Popular.

— Venha até aqui — pediu Byers.

Mulder o seguiu até uma mesa coberta de fitas de vídeo. Seu olhar percorreu alguns dos títulos: O Assassínio de J.F.K. O Assassínio de Bobby Kennedy; O Assassínio de Martin Luther King; Nixon, volume I; Nixon, volume II; Irangate; A Surpresa de Outubro; A CIA; O FBI.

Mulder apanhou o videocassete que tinha o título O FBI.

— Por acaso tem alguma coisa aqui que eu deveria saber? — perguntou ele.

— Nada que já não saiba ou de que ainda não suspeite — respondeu Byers, ainda procurando pela fita que queria mostrar. Instantes depois, disse: — Aqui está:

Pesticidas Tóxicos.

Byers colocou o cartucho de vídeo em uma máquina VCR, Antes de ligar o aparelho, disse a Mulder:

— O elemento químico que está no relatório que nos mostrou chama-se dimetrina lisérgica. É um inseticida experimental, ainda não aprovado pelas autoridades, que não pode ser vendido e que funcionaria mais ou menos como um feromônio.

— Um feromônio? — perguntou Mulder —. É um agente químico que produz o medo, não é mesmo?

— Certo — concordou Langly —. Tem a sigla LSDM, e é normalmente pulverizado sobre as plantas. Provoca uma reação de medo nos insetos. É como se dissesse às praguinhas: "Caia fora daqui. Isto é perigoso". A reação do inseto é cair fora no mesmo instante.

— Parece uma coisa boa — disse Mulder.

— Os inseticidas sempre parecem ser bons, se você dá ouvidos aos caras que os inventam e fabricam — disse Langly.

— Você disse que essa substância ainda não pode ser vendida? — perguntou Mulder.

— Exatamente — respondeu Langly — Os fabricantes não podem colocá-la no mercado enquanto o governo não fizer uma série de testes com o produto, o que pode acontecer logo.

— Vocês acham possível que essa substância afete os seres humanos de um modo prejudicial? — perguntou Mulder.

— Possível? Dê só uma olhada nisto — disse Byers. E ligou o aparelho de videocassete.

Na tela apareceram as imagens em preto-e-branco de um caminhão atravessando uma área residencial de uma cidade. O caminhão levava na carroceria máquinas que pulverizavam no ar uma nuvem branca de produtos químicos, lançando-os sobre os jardins e os arbustos. Acena seguinte mostrava um homem com um pulverizador costal, lançando espessos jatos de produtos químicos em cima de várias crianças sorridentes, que brincavam dentro de uma piscina. Depois disso apareceu a imagem de um avião lançando enormes quantidades de compostos químicos em cima de fazendas e florestas.

— Este filme foi feito na década de 50 — informou Langly —. O produto químico que está sendo pulverizado era chamado de DDT. Era um inseticida que o governo tinha decidido que seria seguro usar, e que acabou sendo lançado em toda parte.

— Mais tarde os pesquisadores descobriram que as pessoas expostas a esse produto registravam uma elevadíssima incidência de câncer — acrescentou Byers — Isso sem falar em espécies inteiras de animais selvagens que foram quase exterminadas por causa desse veneno.

— Mais tarde o governo admitiu ter cometido um erro, e ordenou que o uso do produto fosse proibido — disse Langly.

— É. Só que, a essa altura, as companhias químicas já estavam com os lucros bem guardados nos bancos, e estavam preparadas para investir o dinheiro na próxima geração de pesticidas — disse Byers, desligando o aparelho de vídeo.

— Mais alguma pergunta, agente Mulder? — indagou Langly.

— Só para Frohike — disse Mulder, que notou Frohike brincando com um par de binóculos eletrônicos, e perguntou: — Será que isso é o que eu estou pensando que é?

— Acabam de sair da caixa — disse Frohike — Estou melhorando o desempenho deles.

Ele levantou a caixa de papelão. O rótulo dizia: Óculos ELETRÔNICOS DE VISÃO NOTURNA LITTON M909, DE ALTO DESEMPENHO.

— Posso pedi-los por empréstimo? — perguntou Mulder.

— Só se me der o telefone de Scully — chantageou Frohike.

Mulder olhou para ele, com ar de indignado.

— Você realmente acredita que eu comprometeria a vida pessoal de minha parceira só por causa de um par de binóculos como esses?

Capítulo 11

Mulder tinha de admitir que os binóculos de visão noturna eram excelentes. Tinham a mesma aparência de um par de binóculos comuns. Mas, mesmo durante uma noite escura, com apenas algumas estrelinhas no céu, ele conseguia enxergar os pomares e as casas das fazendas, na área rural que o circundava.

O mundo todo podia parecer verde-escuro e granulado, mas os objetos que estavam nele eram bem claros e visíveis.

Mulder estava sentado sobre o capô do carro que havia alugado em Franklin. Fazia duas horas que estava esperando ali, longe da cidade, escondido ao lado de uma estrada que passava entre os pomares de macieiras. Até aquele momento, não

tinha visto nada de suspeito.

E continuava sem ver coisa alguma. Mas escutava algo. Um rumor fraco, que vinha de longe. Quando ele ouvira aquele mesmo rumor pela primeira vez, havia algumas noites, quando estava no escritório do xerife, tinha pensado que era o barulho de trovão.

Agora o barulho parecia ser o de uma gigantesca mosca voando. Ou um helicóptero equipado com silenciadores no motor.

Mulder apertou os olhos contra os binóculos de visão noturna, e foi lentamente vasculhando o céu.

Pouco acima da linha formada pelas copas das árvores, na direção oeste, ele conseguiu enxergar o vulto negro de um helicóptero, que voava bastante rápido. Da aeronave descia uma neblina que mais parecia o nevoeiro formado por uma cachoeira, como se fosse uma nuvem branca no céu.

Mulder correu para o carro e colocou os binóculos ao seu lado no assento da frente, perto da máquina fotográfica. Depois disparou com o carro para o lugar onde tinha visto descer a nuvem branca lançada pelo helicóptero.

Quando chegou, estava tudo calmo e em silêncio. Não havia sinal de que houvesse acontecido qualquer coisa.

Mulder apagou os faróis do carro e desceu, com os binóculos em uma das mãos e a máquina fotográfica na outra.

Foi andando para o meio do pomar de macieiras. As frutas pesavam sobre os galhos, prontas para serem colhidas.

Ele ergueu o braço e apanhou uma maçã de um galho mais baixo. Mas a última coisa que pretendia fazer era comer a fruta. Nem a própria Eva seria capaz de tentá-lo a provar daquela maçã. Uma análise no laboratório mostraria qual o produto químico que envolvia sua casca, mas ele já podia até adivinhar do que se tratava.

Ele precisava de mais provas. Em casos como aquele, nenhuma prova poderia ser considerada desnecessária. Mas o que ele queria mesmo era tirar uma foto do helicóptero pulverizando o veneno.

Para onde teria ido a aeronave? Teria terminado o trabalho daquela noite?

Ele fez força para ouvir melhor. Mas tudo estava em silêncio.

Mulder olhou de novo pelos binóculos, procurando encontrar alguma coisa no céu. Nada ainda.

De ombros caídos, Mulder começou a caminhar de volta para o carro. Talvez tivesse melhor sorte, outra noite qualquer. Certamente teria outra oportunidade.

Então, de trás dele, veio um ronco forte, que rompeu o silêncio da noite.

Acima de sua cabeça os galhos, as folhas e as maçãs estremeceram.

Mulder caiu ao chão e encolheu o corpo, transformando-se em uma bola humana.

Mas não havia como esconder-se da névoa escura que descera do céu, cobrindo tudo o que havia embaixo.

Mulder sentiu-se sufocar, e tentou respirar fundo.

Seu último pensamento, antes de desmaiar foi de que não precisava mais coletar provas.

Ele era a melhor prova.

O supervisor administrativo Larry Winter tentou negar tudo.

— Helicópteros invisíveis? — perguntou ele — Pesticidas experimentais? E tudo isso seria a causa para o comportamento violento e irracional dos assassinos? Ouça, agente Mulder, eu espero que me desculpe por ter sofrido algum tipo de acidente. Mas parece que a única coisa que aconteceu foi que o episódio afetou sua mente. O senhor deve estar tendo pesadelos de olhos abertos...

— Pois eu insisto que vi o helicóptero com meus próprios olhos, e em dois lugares diferentes — insistiu Mulder muito irritado, tentando ficar sentado na sua cama de hospital.

O xerife Spencer colocou-se ao lado de Winter, para o caso de Mulder tentar reagir com violência. O agente do governo parecia estar um tanto perturbado.

Mas Spencer não tinha com que se preocupar. A mão de outra pessoa empurrou Mulder gentilmente, mas com firmeza, para que ele permanecesse deitado.

— Fique frio, parceiro — disse Dana Scully —. Preciso coletar outra amostra do seu sangue.

Mulder gemeu irritado quando ela enfiou outra agulha no seu braço, e reclamou:

— Você já tirou tanto sangue de mim que daria para fazer flutuar nele todo um banco de sangue!

— Desculpe, Mulder. Mas preciso realizar novos testes para confirmar os resultados que obtive antes.

Scully rosqueou a tampa no frasco que continha a amostra de sangue e o colocou sobre uma mesa. Quando se trata de ciências, não se pode jamais ter certeza de coisa alguma. Além disso, naquele caso, quanto mais testes ela fizesse mais provas teria de que de fato sua presença era necessária ali. Mesmo depois que a notícia de que Mulder estava no hospital havia chegado à sede geral do FBI, tinha sido difícil conseguir dos seus superiores aprovação para que ela viajasse para encontrar-se com ele em Franklin.

Scully tinha sido obrigada a advertir os chefões a respeito do que poderia

acontecer se o acidente fizesse Mulder perder o controle. Eles não demoraram a acreditar que o agente poderia despencar pelo precipício da loucura. Na verdade, aquele era um dos piores pesadelos que eles tinham.

Na verdade, Scully não tinha exagerado muito. De fato, naquele momento Mulder estava bastante... agitado.

— Olhe para os meus cabelos! — gritou ele para Winter —. Passe a mão pela minha pele! O inseticida ainda está em mim!

Winter reagiu com fria expressão de desprezo, e disse:

— Já mandei meu pessoal fazer algumas investigações a seu respeito, agente Mulder. Ouvi falar muito sobre o seu trabalho e suas idéias assombrosas. Você está em Franklin, Pennsylvania. Não está em Marte.

— É melhor não tentar tirar o corpo — avisou Mulder —. Não fique aí agindo como se fosse a vítima inocente de uma suspeita injusta, quando tantas pessoas estão mortas.

Winter arregalou os olhos para Mulder, e rosnou:

— Espere um pouquinho aí, rapaz. Por acaso se esqueceu de com quem está falando?

— Pois eu sei muito bem com quem estou falando — respondeu Mulder — Estou falando com o homem responsável pela pulverização de inseticida ilegal. Quanto mais cedo admitir isso, mais cedo poderemos evitar a morte de outras pessoas. Todos os assassinos moravam em áreas que foram alvo de intensa pulverização.

Mulder e Winter trocaram um olhar cheio de ódio. Scully quase conseguia ver fagulhas voando entre os dois. Um instante depois, Winter disse:

— Você não mora aqui, Mulder, mas eu sim. Meu coração pertence a esta cidade. Tenho três filhos que moram comigo aqui. Você acha que eu teria coragem de jogar veneno sobre meus próprios filhos?

— Se o inseticida é tão seguro assim, por que a pulverização está sendo feita em segredo? — perguntou Mulder.

— Confesso que não consigo entender qual a cruzada em que está envolvido — disse Winter —. Você trabalha mesmo para o FBI ou faz parte de algum grupo de "eco-chatos" que pretendem salvar as baleias e as corujas pintadas?

De repente, Spencer falou. Ele tinha ficado parado ali, em silêncio, limitando-se a ouvir. Naquele momento, porém, sua voz era dura e seca.

— Responda à pergunta dele, Larry! — exigiu ele — Estamos mesmo pulverizando em segredo?

Houve um longo e pesado silêncio. Então, Winter Pigarreou e disse, em tom de desafio:

— Este condado todo vive em função do dinheiro ganho com as frutas que são plantadas e colhidas aqui. Se os produtores não conseguirem uma boa colheita, todos terão problemas, e não apenas quem planta. A situação ficará muito difícil para o comércio, os bancos, todo o mundo. Onde as pessoas poderão conseguir trabalho? Como vão poder comprar roupas, pagar suas despesas de casa, comprar alimentos para si mesmas e para seus filhos? — Todos olhavam para ele em silêncio mortal. E Winter continuou: — Os insetos estavam ameaçando todas as árvores frutíferas plantadas na nossa região. As moscas bombardeadas com radiação não estavam dando resultado suficientemente rápido. E seria tão grande a demora em conseguir aprovação do governo para o novo inseticida que os insetos acabariam destruindo toda a safra. A vida de todo o mundo daqui seria arruinada por aqueles malditos insetos.

— Arruinada? — perguntou Spencer, balançando a cabeça —. Vinte e quatro pessoas já morreram!

— Mas não existe qualquer prova de que o inseticida pulverizado seja responsável pelo comportamento violento daquelas pessoas — disse Winter —. Já ficou provado que o inseticida não causa dano algum às pessoas.

— E quem foi que provou isso? — perguntou Mulder, sentando-se na cama —. Quem provou isso a você? E de que maneira?

— O fabricante me deu uma cópia dos resultados obtidos em um programa de testes que demorou três anos — respondeu Winter.

— E que tipo de teste eles realizaram? — perguntou Mulder.

— Fizeram experiências com ratos de laboratório — respondeu Winter —. É um procedimento bastante comum.

— Claro. Com a diferença de que os seres humanos são um pouco diferentes dos ratos... Pelo menos alguns de nós somos — ironizou Mulder, com os olhos arregalados para Winter.

— Já estão sendo planejados estudos com seres humanos, graças aos ambientalistas e a malucos como você — retrucou Winter —. No entanto, não existe razão alguma para suspeitar que os resultados poderiam ser diferentes. E, como eu já disse, as experiências vão causar atraso de vários anos na autorização para uso desse valioso inseticida.

— E, em vez de esperar, você resolveu transformar os habitantes da cidade em cobaias humanas — acusou Mulder —. Mais do que isso, você as transformou em vítimas.

— Eu me recuso a aceitar responsabilidade por qualquer coisa, a menos que me apresentem provas irrefutáveis de que o inseticida está fazendo mal às pessoas —

defendeu-se Winter —. E eu o desafio a provar que o LSDM seja a causa de qualquer das coisas que você diz.

O agente voltou-se para sua parceira. Antes que Mulder pudesse pedir que ela o ajudasse, Scully disse:

— O homem tem razão, Mulder — ele ficou boquiaberto. E Scully continuou: — Desculpe. Eu gostaria de poder informar que fiz um vôo de quatrocentos e cinquenta quilômetros, no meio da noite, para vir até aqui e realizar experiências que permitissem provar que você está a ponto de se tornar o próximo assassino serial desta cidade. Mas não encontrei prova alguma de que o LSDM tenha afetado diretamente o seu comportamento. Mesmo depois de você ter sido maciçamente pulverizado com ele.

— Mas, Scully — protestou Mulder —, o próprio relatório que você me mandou sobre a autópsia da sra. McRoberts dizia que havia encontrado anormalidades químicas no cadáver.

— É verdade. Mas não encontrei anormalidade alguma no seu corpo — disse Scully —. Você é uma prova viva de que aquelas anormalidades não tiveram origem na exposição ao LSDM.

Mulder deixou-se cair sobre a cama. Estarrecido, ele ficou com os olhos fixos no teto, tentando pensar.

Mas tudo o que ele conseguia era olhar para o aparelho receptor de televisão que estava pendurado sobre sua cama.

Mulder havia cortado o volume do receptor quando seus visitantes tinham chegado, mas o aparelho permanecia ligado.

Agora, seu olhar era atraído para a tela, como se fosse um magneto.

Ele não conseguia afastar os olhos da mensagem que brilhava na tela, em letras vermelhas:

VÁ em frente!

Seus olhos se arregalaram quando as letras foram ficando maiores, e a mensagem pareceu ganhar ênfase:

Faça isso agora mesmo !

Capítulo 12

Mulder ficou de olhos arregalados para a mensagem que aparecia na tela da

TV. Cerrou os dentes com toda a força. E fechou os punhos. No instante seguinte todos os seus nervos ficaram flácidos, embora o suor ainda continuasse formando gotas pelo seu rosto. A mensagem tinha desaparecido. No seu lugar surgira uma mulher com uma roupa justa de malhação, fazendo ginástica aeróbica com um sorriso bem aberto no rosto.

De olhos ainda fixos na tela, Mulder foi tateando com a mão ao lado da cama, em busca do controle remoto que devia estar sobre a mesinha de cabeceira. Ao apanhar o controle, aumentou o volume da TV.

— Sim, faça isso! — anunciou a voz grave e forte do locutor — Faça isso agora mesmo, antes que termine o prazo de nossa oferta especial, participando de nosso programa de aeróbica pela metade do preço, na mais nova e completa academia de Franklin.

Mulder desligou a TV. Mas continuou de olhos pregados na tela.

Ele sabia que ninguém tem a capacidade de prever o momento em que a solução de um caso pode aparecer diante dos olhos. Por experiência, ele também sabia que, nas profundezas de sua mente, tudo o que via e ouvia, durante a investigação de um crime, era processado pelo cérebro como os dados alimentados a um computador. Depois, seria só apertar o botão apropriado e tudo passaria a ser visto com grande clareza.

— Scully, você sabe alguma coisa a respeito de mensagens subliminares? — perguntou Mulder.

— Hahn? — resmungou Larry Winter.

Mas Scully, acostumada a receber as mais surpreendentes observações de Mulder, ouviu a pergunta e pensou um instante, antes de dar sua resposta.

— Mensagens subliminares? Claro. Muita gente afirma que os anunciantes utilizam-se dessa técnica para transmitir mensagens escondidas em seus anúncios de TV. São mensagens que as pessoas não percebem que estão vendo ou ouvindo. Em outras palavras, mensagens que conseguem vencer as barreiras normais de defesa, para ativar certas partes do cérebro e provocar alguns tipos de impulsos. Podem ser palavras escritas dentro de cubos de gelo. Ou vozes escondidas por trás de uma música muito forte e estridente. Ou qualquer outro tipo de recurso enganoso.

— Certo — disse Mulder.

— Mulder, as pessoas que pensam que estão sendo bombardeadas por mensagens subliminares são as mesmas pessoas que pensam que tudo neste mundo é parte de uma gigantesca conspiração contra elas — argumentou Scully —. Mais ou menos como aqueles seus amigos, os Pistoleiros Solitários.

— Scully — disse Mulder —. Algumas lojas de departamentos têm o costume

de inserir mensagens subliminares nos seus sistemas de música ambiente para desencorajar as pessoas que pensam em roubar mercadoria. E elas não são as únicas que fazem isso. A mesma técnica é utilizada em larga escala, e nós sabemos que dá bons resultados. Scully suspirou fundo. Depois disse:

— Está bem. A técnica é usada. Mas o que tem isso a ver com a pulverização de LSDM?

— Em todos os casos de assassinios que estamos investigando aqui, os suspeitos destruíram um aparelho eletrônico — disse Mulder.

— Continuo esperando por uma explicação — disse Scully.

— É sabido que o inseticida de que estamos falando, o LSDM, produz uma reação de medo nas moscas de enxame — continuou Mulder — Não poderia esse composto químico ser responsável pelo mesmo tipo de reação nos seres humanos?

— Isso ainda é motivo de dúvida — insistiu Scully — Antes de mais nada, podemos estar certos de que uma grande quantidade de pessoas deve ter recebido uma dose maciça do inseticida durante as pulverizações feitas aqui. Mas apenas algumas delas tornaram-se assassinas.

— Talvez apenas os indivíduos que estejam passando por uma fase de severo estresse sejam adversamente afetados por esse composto químico — disse Mulder —. Nós sabemos que o estresse leva a um enfraquecimento das defesas do organismo contra as doenças. Talvez o estresse também enfraqueça as defesas naturais contra o LSDM. As investigações já mostraram que os dois últimos assassinos estavam trabalhando sob condições de extrema pressão, e tinham problemas financeiros.

— Ora — disse Spencer —, a grande maioria das pessoas desta cidade está passando por esse mesmo tipo de estresse. Afinal de contas, a safra de frutas está em perigo, e a maior parte das empresas está cortando todos os tipos de despesas, despedindo gente...

— Isso mesmo — concordou o supervisor administrativo Winter —. Franklin está se transformando em uma verdadeira cidade do estresse.

Mas Mulder não estava a ponto de desistir, e na verdade queria aprofundar ainda mais o seu raciocínio. Ele disse:

— Digamos então que o composto químico seja capaz de afetar o equilíbrio emocional apenas das pessoas que já carregam um temor que está acima e além do estresse normal. Já descobrimos, nas entrevistas com amigos e parentes de Gary Taber, assim como pelas informações dos que sobreviveram ao massacre ocorrido no elevador, que os espaços fechados deixavam Taber bastante irritado. Um psicoterapeuta com quem ele se consultou uma vez disse que ele estava à beira da

claustrofobia. E, nas nossas investigações junto ao marido e aos colegas de trabalho de Bonnie McRoberts, também descobrimos que ela era constantemente assaltada pelo medo da dominação masculina e da discriminação contra as mulheres, chegando isso a representar uma obsessão em sua vida. Concordam comigo?

— Eu concordo — disse Spencer. A descrença havia desaparecido do rosto do xerife, enquanto ele ouvia a argumentação de Mulder.

— Pois eu me recuso a continuar dando ouvidos a todas essas bobagens — retrucou Winter —. Você não devia estar em um quarto de hospital, agente Mulder. O melhor lugar para você seria uma sala acolchoada de um hospício. E fique sabendo que eu pretendo informar oficialmente aos seus superiores o quanto você é perigoso, com suas idéias malucas, andando à vontade pelo país do jeito que anda.

Sem dizer mais nada, ele saiu pisando duro e bateu a porta atrás de si ao sair.

Durante o tempo todo, Spencer mantinha os olhos fixos em Mulder. Quando o outro saiu, o xerife perguntou:

— Então, onde quer chegar, agente Mulder?

— O inseticida elevou o medo das pessoas até o ponto de dominar todas as outras sensações. Com o medo exercendo o controle, as pessoas passaram a reagir às mensagens que lhes diziam o que fazer com esse medo.

— Eu diria que sua teoria é bastante fora do comum — disse Spencer —, e acho que ainda tem uma série de furos. Por exemplo, como é que você explica o medo levando ao assassinio?

— Isso pode ser explicado por meio de fórmulas químicas — respondeu Mulder. E voltou-se para sua parceira, perguntando: — Estou certo quando digo que a adrenalina é chamada de hormônio que leva a "matar ou correr", agente Scully? Isto é, um hormônio produzido tanto pelo ódio como pelo medo. Quando produzida, ela alimenta ainda maior medo ou ódio, não é mesmo?

Scully balançou a cabeça e respondeu:

— Isso mesmo. Um bom exemplo disso é dado quando um rato fica encurralado em um canto. Sua reação será no sentido de tentar desesperadamente subir na parede para escapar, ou então atacar com extrema violência.

Mulder tornou a dirigir-se a Spencer:

— O medo inunda o corpo de adrenalina. O uso dessa adrenalina para inflamar o ódio é uma questão tão simples como apertar um botão. Eu acho até que alguém desejava ver se uma combinação de LSDM com mensagens subliminares poderia ser o mesmo que apertar esse botão. E a mesma pessoa queria saber em quem isso funcionaria a contento. Estou convencido de que as mensagens foram

deliberadamente transmitidas, depois que esta área foi pulverizada com o inseticida.

— Mas, Mulder — disse Scully —, quem teria feito isso?

Mulder titubeou. Chegou a abrir a boca para começar a responder.

Antes que pudesse falar qualquer coisa, o xerife fechou a cara. Sem dizer uma palavra, ele virou-se para a porta e saiu do quarto.

— Parece que você perdeu mais um ouvinte — comentou Scully.

— É — disse Mulder —, ele é provavelmente uma daquelas pessoas que acreditam que Elvis morreu mesmo.

Scully Pigarreou. Depois disse, hesitante:

— Mulder, acho que devo lhe fazer uma confissão.

— Então, por favor, confesse.

— Eu estava errada.

— O quê? — perguntou Mulder, arregalando os olhos.

— Você me convenceu — respondeu ela —. Você e as provas que não posso deixar de lado. A exposição direta a esse inseticida pode e, provavelmente, causa um medo insano. Pode levar à paranóia.

— Então talvez você compartilhe minha opinião de que toda esta área deve estar sendo submetida a uma experiência controlada — disse Mulder.

— Mas uma experiência controlada por quem? — perguntou Scully —. Pelo governo? Por alguma empresa? Por alienígenas?

— Isso é difícil dizer... Mas é uma coisa que já foi feita antes — disse Mulder —. Lembra-se do "agente laranja" no Vietnã? E dos problemas causados pelo DDT em nosso país? Das experiências com a guerra bacteriológica, desenvolvidas em áreas residenciais nas quais as pessoas não suspeitavam de coisa alguma, e até no metrô de Nova York? E será que se esqueceu das experiências para analisar os efeitos da radiação em vastas áreas do Oeste?

— Mas, neste caso, por que estariam fazendo isso? — perguntou Scully —. Por que alguém estaria interessado em criar uma raça de assassinos no meio da população de uma pacata cidade como esta?

Mulder não demorou para responder:

— O medo é a mais antiga ferramenta daqueles que detêm o poder. Se as pessoas ficam distraídas pelo medo daqueles que estão ao seu redor, elas deixam de prestar atenção nas ações daqueles que estão por cima. Nos momentos de maior dificuldade, quando mais e mais indivíduos começam a reagir contra os políticos e as grandes empresas, esse tipo de distração pode ser bastante útil para aqueles que comandam o espetáculo. Através da mudança do medo para o ódio em alguns indivíduos, eles podem mudar o ódio para medo em todos os demais.

Scully franziu as sobrancelhas, ao acompanhar o raciocínio de Mulder. Depois de uma pausa, ele perguntou:

— Então, o que acha, Scully?

Naquele mesmo instante a porta do quarto se abriu. O xerife Spencer entrou. Tinha no rosto uma expressão sombria.

— Tive uma conversinha com Winter — disse ele — Consegui fazer com que ele concordasse em fazer uma concessão... depois que sugeri que sua campanha em busca da reeleição seria enormemente prejudicada se eu revelasse à imprensa algumas coisas a respeito dele.

— Meus cumprimentos — disse Mulder —. Você está provando que é exatamente o tipo de investigador profissional que eu estava esperando que fosse — o agente do FBI fez uma pausa e procurou preparar-se bem para o que ia ouvir, antes de perguntar: — E então? Qual foi a concessão que exigiu dele?

— Ele teve de concordar que mandaria parar imediatamente a pulverização de inseticida — respondeu Spencer — E também teve de concordar em mandar realizar completos exames de sangue em todas as pessoas que foram expostas ao inseticida, na área de pulverização. Mas...

Spencer fez uma pausa. E Mulder perguntou:

— Mas o quê?

— Mas... a explicação oficial para a exigência de exame de sangue não pode mencionar qualquer possibilidade de relação com os prováveis efeitos colaterais do LSDM — ressaltou Spencer. No rosto ele mostrava a expressão de quem acaba de engolir um comprimido bastante amargo.

Mulder e Scully entreolharam-se.

Tudo estava voltando ao normal.

Capítulo 13

Larry Winter tinha conseguido uma troca bastante boa. Mas, pelo menos, tinha mantido sua parte no acordo feito com Spencer. E fez isso de tal modo que até Mulder e Scully foram obrigados a reconhecer sua eficiência. — Talvez ele seja o tipo de pessoa que nem sempre faz as coisas certas — disse Scully a Mulder —, Mas, pelo menos, ele sabe como obter resultados.

Dois dias depois começava o programa de exame geral de sangue para toda

a população da cidade. Um centro de coleta foi organizado no colégio comunitário local. Os cidadãos tinham um horário à disposição para se apresentarem e deixarem ali uma amostra de seu sangue para exame. Aqueles que não queriam ou não podiam deslocar-se para o colégio iriam receber a visita de uma equipe ambulante de coleta. E, para ter certeza de que todos seriam devidamente informados a respeito do programa, a campanha foi anunciada nos jornais matutino e vespertino, e através de uma chamada feita de hora em hora na emissora local de televisão.

— Podem ter certeza de que ninguém aqui na cidade vai escapar dessa informação — disse Winter a Mulder e Scully.

E ele estava certo.

Ninguém poderia escapar da campanha. Nem mesmo um homem que porventura tivesse trancado as portas de sua casa e fechado todas as cortinas, escondendo-se lá dentro durante vários dias.

Os olhos de Ed Funsch estavam vidrados de cansaço, enquanto ele estava sentado na modesta sala de visitas de sua casa pobre, assistindo a desenhos animados no aparelho de televisão que ainda não havia acabado de pagar. Ele precisava de uma boa noite de sono, mas não conseguia dormir direito. Ficava revirando a noite inteira na cama, de um lado para o outro, assaltado por visões de atos de violência. Seu maior desejo era que se tratassem de pesadelos. Mas as visões apareciam diante dos seus olhos enquanto estava bem acordado. Pelo menos quando assistia aos desenhos do Patolino e do Papa-Léguas, vendo suas aventuras e desventuras, ele sabia que tudo não passava de brincadeira.

De repente, Patolino desapareceu da tela, no instante em que batia contra uma parede.

A voz de um locutor anunciou:

"Urgente! Interrompemos este programa para apresentar uma mensagem especial do governo local de nossa cidade."

Apareceu na tela uma frase em letras grandes: teste gratuito de colesterol. E o locutor continuou: "O teste pode ser feito na sua própria casa, ou num banco de coleta especial de sangue, montado no campus do Colégio Comunitário de Franklin, na Avenida Franklin Norte 1505".

Ed olhou surpreso para a televisão. Para onde tinham ido Patolino e o Papa-Léguas? Por que estava ele sendo trazido tão repentinamente para a vida real, quando era esse o lugar onde ele menos desejava estar?

A voz que falava na TV continuou: "Os condados de Frariklin e Venango estão participando de um importante programa nacional de estudo do colesterol. É fundamental que todos os cidadãos colaborem na luta contra esta causa de uma

doença mortal. Quando um dos nossos voluntários especialmente treinados bater à sua porta, por favor, mostre sua boa vontade colaborando com ele. O processo é bastante simples e indolor. E a vida que você estará ajudando « salvar pode ser a sua própria".

Apareceu uma imagem na tela e Ed acordou repentinamente, arregalando os olhos.

Ele viu a ponta do dedo de uma pessoa. E então uma agulha penetrou na pele. Ao sair a agulha, ficou uma bolinha de sangue no dedo.

"Basta um pequeno furo com uma agulha na ponta do seu dedo. Nada mais é necessário", disse a voz na televisão. "Sua colaboração será apreciada pelo governo, por sua família, seus amigos e vizinho."

Ed não ouviu uma palavra sequer.

Tudo o que conseguia enxergar era o sangue.

Tudo o que estava vendo era vermelho.

Sua mão tateou pela mesinha de centro, que estava na sua frente. Ele sentiu uma coisa gelada. Olhou para baixo. A palma de sua mão apoiou sobre o cano de uma espingarda de caça, que estava dentro de um estojo aberto.

De onde teria vindo aquela arma? E quem trouxera todas aquelas caixas de cartuchos que estavam ao lado da espingarda?

Aí ele se lembrou de tudo o que vinha tentando esquecer. A Superstore. O amontoado de mensagens que o haviam bombardeado na loja. A loucura que o invadira e o fizera gastar todo o seu dinheiro no departamento de armas.

Ao lado da espingarda e dos cartuchos de munição estava a nota fiscal da compra. Junto com a nota fiscal havia um talão de cheques e uma pequena calculadora de bolso. Ele tornou a fazer todas as contas. O resultado foi aquele que ele menos desejava. A compra daquela arma havia feito com que ele acabasse com todo o dinheiro que tinha guardado no banco.

Além de tudo isso eu ainda odeio armas, resmungou ele consigo mesmo. Eu devia estar louco quando fiz essa idiotice. Acho que venho sofrendo pressão demais ultimamente. Talvez eu possa devolver tudo isso e fazer com que eles devolvam o meu dinheiro. É isso mesmo que vou fazer, quando estiver me sentindo melhor. Ele olhou de volta para o receptor de televisão e reclamou: Por que diabos eles não param com esse anúncio idiota? Ninguém quer saber desse negócio de colesterol, seja lá que diabo for isso. Por que não colocam o Patolino de volta de uma vez? Instantes depois, alguém tocou a campainha da porta da frente. Ed fechou a cara e resmungou: Quem será? Por que eles não me deixam em paz. Por que não me deixam aproveitar um pouco do silêncio de minha casa? Era só isso que eu queria.

Ele foi até a janela e espiou entre as cortinas.

Diante da porta da frente de sua casa estava uma jovem, que usava um avental branco, como uma enfermeira. Trazia no rosto um sorriso alegre, e as mãos estavam escondidas dentro de luvas cirúrgicas de látex. E carregava uma pequena bolsa de couro.

Ed sabia o que estava dentro daquela bolsa.

Uma agulha. Uma agulha para tirar seu sangue.

Ele fechou a cortina com toda a força. Era preciso que a moça pensasse que não havia ninguém em casa. Ele ouviu a TV lá na sala, com o locutor falando e falando sem parar.

Então, quando a campainha de sua casa tocar, insistimos para que você...

Ed voltou-se e correu na direção do televisor, com a mão estendida na frente, pronto para desligar.

Mas congelou como uma estátua.

Havia uma única palavra enchendo toda a tela.

Sangue.

Sua mão desceu com violência, derrubando o receptor de televisão da mesinha onde estava. O aparelho bateu no chão e arrebentou. A tela ficou escura.

A mulher que estava lá fora deve ter ouvido o barulho. A campainha tocou de novo.

Ed fechou os olhos e tapou os ouvidos com as mãos. Por que aquela jovem não o deixava em paz e ia embora? Por que tudo não desaparecia da sua frente? Por que o mundo não parava de se fechar sobre ele, empurrando-o para um canto sem saída?

Mas o barulho da campainha ainda chegava aos seus ouvidos, embora fraco e distorcido. O som entrava na sua cabeça como se fosse código Morse, transmitindo uma mensagem que ele não conseguia decifrar, mas que, por algum motivo, tinha de obedecer.

Ele viu quando suas mãos se estenderam para apanhar a espingarda.

Não, gritou ele, fechando violentamente o estojo.

O impacto fez a calculadora cair de cima da mesinha. Sem ao menos pensar, ele a apanhou do chão.

Ao fazer isso, leu o que aparecia no visor da calculadora.

Tire deles.

Ed arrebentou a calculadora com uma pancada sobre a mesinha. Tornou a bater. E bateu pela terceira vez. Os pedaços da calculadora espalharam-se por toda a sala.

A campainha da porta tocou de novo.
Aquele barulho deu origem a outro som, um zumbido agudo e penetrante.
De onde vinha aquilo?
Não demorou mais de um instante para Ed descobrir.
Era o despertador do seu relógio de pulso de péssima qualidade.
O mostrador digital do relógio acendia e apagava como um grande letreiro luminoso.
Piscando sem parar, Ed leu aquela palavra, derramando lágrimas de tormento e ódio. Mate. Mate. Mate.

Capítulo 14

Mulder e Scully transformaram o escritório do xerife Spencer em seu quartel-general temporário. A partir dali eles passaram a acompanhar toda a campanha de coleta de sangue.

No quadro de avisos havia um grande mapa de Franklin, e da área ao redor da cidade. Ao lado havia uma lista completa de todas as áreas que haviam sido pulverizadas com o inseticida. E também uma lista dos nomes e endereços de todas as pessoas que moravam nessas áreas.

O xerife Spencer estava ao lado do telefone, atendendo os chamados das equipes ambulantes de coleta de sangue. Durante todo o dia os responsáveis por essas equipes vinham telefonando e fazendo um relato do seu trabalho. Durante esses telefonemas, transmitiam os nomes das pessoas cujo sangue havia sido colhido, e o xerife os anotava em uma folha de papel, passando então a informação para Scully. Ela ia riscando da lista os nomes daqueles cujo sangue já fora colhido. Quando todas as pessoas de um determinado bairro eram visitadas, o nome desse bairro era riscado da lista de áreas da cidade já pulverizadas.

Mulder estava em silêncio, observando a maneira como Scully se divertia. Ela sempre tinha o rosto radiante de felicidade toda vez que as coisas aconteciam conforme o planejado.

O xerife Spencer desligou o telefone e entregou a Scully a mais recente lista de nomes, dizendo:

— Acabou. Esta é a lista dos nomes da última área que faltava.

Scully riscou os nomes da lista. Mulder e Spencer foram colocar-se ao lado

dela, para examinar no mapa o resultado da campanha.

— Modéstia à parte, foi um trabalho muito bem feito — disse Spencer — Colhemos o sangue de todo o mundo, exceto umas três ou quatro pessoas.

— Na verdade faltou colher o sangue de vinte e cinco pessoas — consertou Scully.

— Bom, a gente sempre encontra alguns malucos e descontentes que fazem questão de não acompanhar a maioria — justificou Spencer.

— Certo, malucos e descontentes — resmungou Mulder, examinando com atenção os nomes ainda não riscados da lista.

Scully sorriu. O xerife tinha usado as palavras mágicas. Qualquer coisa, e qualquer pessoa que fugisse à norma, era motivo de grande atração para Mulder.

— Parece que terminamos a parte mais fácil do trabalho. Agora é que as coisas vão começar a ficar interessantes — disse Mulder. Ele examinou a pistola automática que trazia no coldre de ombros. Apanhou o paletó e disse: — E agora as coisas podem ficar complicadas. Vamos. Temos de visitar vinte e cinco pessoas.

Scully também examinou sua arma e apanhou o seu estojo de coleta de sangue.

Spencer limitou-se a tocar com os dedos o revólver que tinha no coldre de cintura.

A primeira parada foi na casa da sra. Henrietta Smith.

Lá de dentro a mulher gritou que não queria comprar coisa alguma. Demorou vinte minutos para eles conseguirem convencê-la de que aquilo não ia lhe custar um centavo. E a única razão pela qual ela acreditou foi por achar que Mulder tinha uma cara de rapaz bom e honesto. Ele a fazia lembrar-se de seu sobrinho favorito.

A parada seguinte foi na casa de Robert Jones. A porta da frente da residência era de aço. Pelo buraco destinado à correspondência, ele gritou que não pretendia deixar nenhum oficial daquele governo fascista e comunista entrar na sua casa e intrometer-se em sua vida, nem mesmo depois do massacre de Waco.

Scully usou de diplomacia para que o homem abrisse a porta. Um bom cidadão como o sr. Jones não se recusaria a ajudar no desenvolvimento da ciência médica, não é mesmo? E um homem grande e forte como ele não teria medo de uma agulhazinha sem importância, teria? O sorriso dela e a voz macia com que falava acabaram convencendo o homem a abrir.

Em seguida foi a vez do sr. Hiram Phelps. Ele insistia que já havia colaborado no escritório. Foi preciso que Spencer lhe mostrasse a estrela de xerife para que o homem raciocinasse direito.

Quando eles chegaram ao décimo quarto nome da lista, parecia que já

havam enfrentado todos os motivos possíveis para não dar sangue.

Mas estavam enganados.

— Quem é esse cara? — perguntou Spencer, quando se aproximaram da porta da frente de uma casinha velha e mal cuidada, que ficava em um dos bairros mais pobres e tristes da cidade. Mulder tomou nota da localização. A casa ficava ao lado de um lixão, e havia um pomar de cerejeiras que fazia divisa com os fundos do terreno.

Scully consultou sua lista.

— O nome dele é Edward Funsch — respondeu ela. Scully estendeu a mão para tocar a campainha.

Quando seu dedo encostou no botão, a placa de metal que havia em volta caiu sobre o pequeno tapete da entrada.

Mulder aproximou-se para ver a campainha quebrada.

— Parece que alguém arrancou a placa de metal e puxou os fios do botão da campainha — disse ele — E aí enfiou tudo no buraco de qualquer jeito, para ninguém perceber que a campainha foi destruída.

— Talvez tenha sido alguma vendedora de doces que não conseguiu se livrar de sua quota — observou Scully.

— Ou então o homem que mora aqui teve algum problema sério com as visitas — completou Mulder.

— Só há um modo de descobrirmos — disse Spencer. E bateu na porta.

Não houve resposta.

Um minuto depois, Scully disse:

— Acho que temos motivo legal para tentar entrar à força, sob a suspeita de que pode ter acontecido alguma coisa aí dentro.

— Tenho certeza de que Sam Jenkins, o juiz aqui da cidade, concordará com isso — disse Spencer.

Scully girou a maçaneta da porta.

— Não está trancada — observou ela —. Pelo jeito as pessoas ainda confiam bastante nos vizinhos aqui em Franklin.

— De fato, antigamente era assim — lembrou Spencer —, mas agora, não acho que as pessoas estejam deixando a porta de casa destrancada. Isto é, ninguém que esteja em seu juízo perfeito.

A mão de Spencer tocou a coronha do revólver quando Mulder empurrou a porta da casa.

Com Mulder na frente, os três entraram lentamente na sala, com o mesmo cuidado com que os soldados entram em um campo minado.

Mas parecia que a explosão já havia acontecido.

— O que foi que aconteceu no meio desta bagunça? — perguntou Spencer ao ver a destruição que havia lá dentro.

O receptor de televisão estava arreventado no chão, e ao lado dele estavam os pedaços do que parecia ser um relógio digital. Na cozinha havia um forno microondas em pedaços e um rádio também destruído, assim como outro receptor de televisão, dos pequenos, quebrado ao meio.

— Vejam isso — disse Scully no corredor, onde estavam espalhados os pedaços de um aspirador de pó.

— Parece que este lugar foi atacado por algum doido — disse Spencer.

— Se o cara estava doido eu não sei, mas parece que a destruição que ele causou tinha um método — conjecturou Mulder —. Vocês devem perceber que todos os aparelhos destruídos têm algo em comum.

— E o que seria? — perguntou Spencer.

— Todos os aparelhos quebrados tinham um mostrador digital — respondeu Mulder.

— Vamos verificar tudo de novo para ter certeza disso — disse Scully.

Quando voltaram à sala de visitas, Mulder viu, no meio das coisas quebradas, algo que não tinha notado antes: um estojo. Especial para espingarda de caça.

Ele abriu o estojo. Estava vazio.

Capítulo 15

Temos de descobrir tudo o que for possível a respeito do tal Edward Funsch — disse Mulder, olhando para o estojo vazio —. E acho que temos de agir bem depressa.

— Vou ver o que consigo levantar na Internet e consultar o banco de dados do Bureau — disse Scully — O nome dele deve estar nos arquivos de alguém, em algum lugar. Afinal, hoje em dia todo o mundo tem seu nome em algum arquivo...

— Eu vou fazer perguntas sobre ele aqui mesmo na cidade — disse Spencer.

— Enquanto isso, vou investigar melhor esta casa — disse Mulder — Voltem aqui quando tiverem qualquer informação.

Quarenta minutos depois Scully e Spencer chegaram de volta à casa, ao mesmo tempo.

Mulder leu em voz alta o papel que Scully lhe deu:

"Edward Funsch. Cinquenta e dois anos de idade. Nascido e criado em Pittsburgh, Pennsylvania. Formou-se no segundo grau, mas não tem curso universitário. Serviu na Marinha como operador de rádio. Sua mulher morreu há dez anos. Não tem filhos. E não tem carteira de motorista. Nenhum histórico médico. Não há registro de nenhuma visita a médicos ou dentistas há mais de uma década. Trabalhou em uma fábrica de aviões durante doze anos, mas foi despedido depois que a empresa associou-se a outra do mesmo ramo e realizou um grande corte de funcionários. Trabalhou no Serviço Postal durante alguns meses, mas foi recentemente despedido desse emprego também. Está quase sem dinheiro no banco. Estão atrasados os pagamentos do aluguel e das contas de seu cartão de crédito".

Mulder virou-se para Spencer e perguntou:

— E você, xerife, conseguiu alguma informação sobre ele?

— Não havia muito para conseguir — respondeu Spencer —. Não há registro algum na polícia sobre ele. Não fazia parte de nenhuma associação local, não tinha amigos e nunca conversou com nenhum dos vizinhos. Era um bom empregado no Serviço Postal, e fui informado de que o fato de ter sido despedido nada teve a ver com o seu desempenho no trabalho.

— Como foi que ele reagiu quando recebeu a notícia de que estava sendo despedido? — perguntou Mulder — Por acaso demonstrou algum sinal de raiva ou revolta?

— É difícil saber isso — disse Spencer —. Eu falei por telefone com o homem que era seu supervisor e lhe disse ter tido a impressão de que Ed aceitou com normalidade a notícia ruim, embora não deva ter ficado muito feliz com isso, naturalmente parecia estar mais perturbado com um pequeno corte que havia sofrido no dedo do que com o corte final no seu salário. O supervisor disse que foi um corte sem importância, mas a visão de sangue parece tê-lo perturbado bastante. Ele disse que achou isso muito estranho.

Mulder ficou tenso. E disse:

— Scully, é possível saber quando a equipe de coleta de sangue tocou a campainha da casa de Ed Funsch?

Scully consultou sua lista, e respondeu:

— Foi por volta de dez e meia da manhã de hoje. Mulder apanhou o relógio de pulso que havia encontrado destruído no chão da sala de visitas.

Tinha parado às 10h25 da manhã.

— Eu sei por que ele está com medo — disse Mulder

—. E também acho que sei para onde ele está indo.

Ed Funsch sabia para onde tinha de ir, e estava com uma pressa desesperada de chegar lá.

O ônibus tinha acabado de sair quando ele chegou ao ponto.

Um painel eletrônico na frente indicava o destino do ônibus: Centro Médico Comunitário de Franklin.

Mas o painel transmitia uma mensagem diferente para Ed:

Suba a bordo.

Ele correu atrás do ônibus, usando todas as suas energias para alcançar o veículo. Levava pendurada ao ombro uma comprida sacola de lona, que balançava ao lado de seu corpo enquanto ele corria pela calçada, batendo na lateral do ônibus com o punho cerrado.

O motorista do ônibus sabia que não devia parar. Afinal de contas, já estava atrasado. Com os recentes cortes de pessoal no serviço municipal de transportes, ele tinha de fazer sua rota muito mais depressa do que antes. O seu desempenho no cumprimento dos horários das viagens não podia ser comprometido, porque os motoristas com desempenho menos satisfatório estavam sendo os primeiros a ser despedidos.

Apesar disso, o motorista era humano. Tinha de ter pena daquele pobre idiota que vinha correndo ao lado do ônibus. Pisou no pedal do freio e abriu a porta do coletivo. Mas arrependeu-se disso, no instante em que Ed subiu a bordo.

— Pode pagar a passagem, moço — informou o motorista quando Ed passou direto pela roleta eletrônica a caminho da parte de trás.

Ed tinha os olhos vidrados quando olhou para o motorista. Piscou lentamente, e enfiou a mão no bolso, em busca dos trocados para pagar a passagem. Deixou as moedas caírem dentro do coletor de dinheiro, ao lado do motorista, e foi para trás do ônibus.

Aqueles poucos instantes foram suficientes para que o motorista desse uma boa olhada no rosto de Ed. Ele estava pálido, quase verde. Gotas de suor escorriam de sua testa. Misturadas ao suor, viam-se gotas de lágrimas.

O motorista suspirou fundo. Seria melhor ficar de olho naquele sujeito, pelo espelho retrovisor. A última coisa que o motorista queria no seu veículo eram problemas com os passageiros. Se houvesse muitas paradas no caminho, um bilhete azul estaria esperando por ele no ponto final da linha.

Mas Ed sentou-se em silêncio em uma das poltronas da parte central do ônibus, sem causar problema algum aos demais passageiros. Na verdade, nem olhou para os outros. Tudo o que via era o letreiro luminoso que havia por cima da cabeça do motorista, que dizia Parada solicitada.

De repente, o painel disse a Ed: Desça aqui!

Ele levantou-se de um salto, como se tivesse sido espetado por um par de fios elétricos. Deu três passos largos e colocou-se diante da porta de saída.

Apertou o botão de solicitação de parada.

O ônibus continuou andando.

— Ei, motorista, eu quero descer aqui — gritou Ed.

O motorista nem se preocupou em virar a cabeça para trás.

— O senhor vai ter de esperar pelo próximo ponto — disse ele —. Falava tão baixo que Ed quase não ouviu.

— E onde é o ponto? — perguntou Ed.

— Faltam quinze quadras — respondeu o motorista — Este ônibus está fazendo a linha expressa.

— Por favor, eu quero descer. Entrei no ônibus errado — suplicou Ed.

— Desculpe, moço, mas não sou eu quem faz os regulamentos — respondeu o motorista.

— Mas estou dizendo que preciso descer aqui — disse Ed, já aos gritos.

— E estou dizendo que o azar é seu, companheiro — respondeu o motorista, com uma sombra de raiva na voz.

Ed caminhou depressa, quase correndo e quase caindo, para a parte da frente do ônibus, que descia pela rua em alta velocidade.

— Motorista, por favor, por favor! — disse ele, curvado para a frente, para que o motorista visse sua expressão desesperada.

O motorista olhou e arregalou os olhos. O sujeito estava praticamente espumando pela boca.

— Pare e abra a porta! — gritou Ed, totalmente descontrolado — Abra a maldita porta!

— Ei, moço, vamos com calma, sim? — disse o motorista, demonstrando um certo temor.

Ele pisou firme no pedal de freio. O ônibus parou cantando os pneus. A porta abriu e Ed desapareceu através dela.

O motorista fechou a porta do ônibus quase no mesmo instante, e pisou no acelerador.

Limpou o suor da testa, focalizou os olhos no asfalto da rua à sua frente, e fez o possível para se acalmar.

Deixe que outra pessoa se preocupe com aquele maluco, disse ele a si mesmo.

Capítulo 16

É aqui que fica guardado o sangue todo — disse Mulder a Scully e Spencer. Se é de sangue que ele tem medo, tenho certeza de que é o sangue que ele pretende destruir — Mulder estava explicando por que eles estavam esperando no ponto de ônibus em frente ao Centro Médico Comunitário de Franklin. E acrescentou: — Como Funsch não tem carteira de motorista nem carro, é mais do que natural que ele venha até aqui de ônibus.

Scully dirigiu-se a um homem que estava parado perto deles, no mesmo ponto de ônibus. Ele estava usando uniforme do departamento municipal de transportes, e tinha na mão uma prancha de anotações.

— Por acaso o senhor sabe quando deve passar o próximo ônibus? — perguntou ela.

— Claro que sim, dona. Já está atrasado três minutos — disse o homem com cara de poucos amigos, depois de consultar o relógio — O motorista vai ter muito que explicar quando chegar aqui.

— Aí vem o ônibus — avisou Spencer quando o coletivo virou na esquina e aproximou-se do ponto onde estavam.

— E o motorista está dirigindo rápido demais — disse o inspetor da empresa de transportes, fazendo uma anotação no papel que tinha na prancha.

O ônibus parou e as portas se abriram. Mulder observou todos os passageiros que desciam, procurando compará-los com a foto de Ed Funsch que ele havia encontrado na casa de Ed.

Mas nenhum deles tinha a menor semelhança com Ed.

— Vamos falar com o motorista — disse ele a Scully. Mas o motorista desceu antes que eles pudessem entrar no ônibus.

— Por acaso o senhor reconhece este homem? — perguntou Mulder, mostrando-lhe a foto de Ed Funsch.

— Claro que sim — respondeu o motorista. Ele se virou para o inspetor e continuou: — Ele me causou um problema e tanto. Estava agindo como uma pessoa enlouquecida. Fez com que eu parasse o ônibus fora do ponto para entrar, e depois me obrigou a permitir que descesse também fora do ponto. Tive que fazer o que ele pedia para evitar que viesse a ferir alguém. Por isso é que estou chegando atrasado.

— Claro — disse o inspetor —. Vocês sempre encontram uma desculpa para os atrasos.

— Mas eu estou dizendo... — o motorista começou a explicar.

— Onde foi que este homem pediu para descer do ônibus? — interrompeu Scully.

— Foi lá perto do colégio — respondeu o motorista, voltando a explicar-se para o inspetor da empresa.

Mulder e Scully não se preocuparam em dar atenção às vozes alteradas dos dois homens, que começavam a discutir. Deram as costas a ambos e seguiram na companhia de Spencer para o carro de patrulha do xerife.

— Parece que eu estava enganado — disse Mulder, com um sorriso amarelo — Não era ao hospital que Ed Funsch queria chegar. Era à unidade móvel de coleta de sangue que foi instalada no colégio.

— Parece-me um objetivo que combina com o estado em que ele deve estar — disse Scully.

O xerife Spencer tinha uma expressão de preocupação no rosto, enquanto pensava no centro de coleta de sangue que havia ajudado a montar no campus do colégio.

— É, um objetivo perfeito . Tem até alvos móveis à disposição — lembrou ele: Ed Funsch olhou rapidamente para a cena que se descortinava diante dos seus olhos.

A unidade móvel de coleta de sangue estava parada no centro de um grande campo aberto, ao lado do prédio do colégio. Do lado de fora do microônibus estavam montadas várias mesas dobráveis, onde os enfermeiros preenchiam formulários. Homens, mulheres e crianças formavam uma longa fila, esperando sua vez de serem atendidos. A população de Franklin era formada de muita gente boa, que não hesitava em cumprir o seu dever na guerra contra as doenças. Grandes e coloridos balões de gás haviam sido amarrados aos postes para alegrar o ambiente.

Ed admirava todas aquelas pessoas, por causa da coragem que tinham em dar o seu sangue pelo bem dos outros.

Ao mesmo tempo, no entanto, tinha pena delas, por causa da dor que teriam de enfrentar.

Os anúncios que ele tinha visto na televisão falavam de um furinho rápido e indolor na pele. Mas Ed sabia que isso não era verdade. Seu corpo todo estremeceu, coberto pelo suor.

Através de uma névoa de revolta que se formara diante dos seus olhos, ele viu um letreiro eletrônico com informações para os estudantes, onde estavam assinalados os eventos do dia:

Eventos de hoje no campus:

Palestra sobre História Medieval no Salão Samuelson, às 16h.

Testes para a Torcida Uniformizada, no Campo Kelly, às 17h.

Partida de Basquetebol...

Deve ser bom estudar na faculdade... pensou Ed. Ele gostaria de ter estudado na faculdade. Talvez, se ele tivesse estudado, as coisas seriam diferentes agora. Talvez...

Aí ele leiras palavras que só os seus olhos enxergavam:

Para cima... Olhe para cima.

Ed olhou para cima.

Viu a torre do campanário, em um dos cantos do prédio principal do colégio.

Suba na torre, dizia o letreiro.

Como uma pessoa sonâmbula, Ed aproximou-se da porta da torre e a abriu. Na sua frente apareceu uma escadaria em forma de caracol, que levava para cima. Um a um ele foi subindo os degraus, devagar, pesadamente, como se a sacola de lona tivesse mais de cem quilos.

No último degrau de cima, a torre nada mais era do que uma sala circular. Em toda a volta havia uma série de janelas muito altas e estreitas, como se fossem fendas verticais.

Quase sem fôlego, Ed colocou no chão a sacola de lona, e olhou por uma das janelas. Viu os vários prédios do colégio, cujas paredes eram cobertas de hera, brilhantemente iluminadas pelo sol. Viu a longa fila de pessoas que esperavam, como uma grande serpente, na frente da unidade móvel de coleta de sangue. Essa visão lhe deu ainda maior vontade de chorar. Em vez disso, no entanto, ele leu as palavras que se moviam no painel iluminado.

Prepare-se... Prepare-se... Prepare-se...dizia repetidamente o painel, até que, por fim, ele obedeceu e abriu o zíper da bolsa de lona.

Lentamente ele tirou a espingarda de caça que estava dentro. Aí virou a bolsa de boca para baixo e deixou cair o restante do conteúdo. Centenas de cartuchos de metal caíram, fazendo barulho no piso de concreto da torre.

Ed enfiou nos bolsos o quanto podia de cartuchos, e depois levou a espingarda até a janela que dava de frente para o pátio cheio de gente. O grande letreiro aceso lá embaixo parecia estar focalizado diretamente nos seus olhos.

Fique pronto

Ele ajoelhou-se diante da janela. Apoiou o cotovelo sobre o peitoril e apontou para baixo o cano da espingarda. Soltou a trava de segurança. Colocou um cartucho na câmara de tiro. Engatilhou a arma. Seu dedo indicador direito estava apoiado sobre o gatilho gelado, enquanto ele forçava a vista pela mira da espingarda.

De repente, ele ficou congelado como uma estátua. Ouviu um lamento que

vinha de longe, mas parecia aproximar-se rapidamente dele.

Segundos depois, ele reconheceu o barulho. Era a sirene de um carro da polícia.

Sentiu-se tomado pelo terror.

A polícia vinha à procura dele!

O que podia fazer?

Ed olhou para o letreiro luminoso. A resposta à sua pergunta apareceu-lhe diante dos olhos:

VÁ EM FRENTE!

Capítulo 17

O carro de patrulha dirigido pelo xerife Spencer parou cantando pneus na entrada do campus. Mulder abriu a porta antes mesmo de o carro parar completamente e saiu de um salto, correndo na direção da unidade móvel de coleta de sangue. Scully e Spencer correram atrás dele.

Ele ouviu Scully dizendo, quase sem fôlego: — Seria bom se conseguíssemos chegar lá a tempo... Ouviu também um estalo no ar. E viu quando explodiu o vidro de uma das janelas do microônibus.

As pessoas que esperavam na fila olharam para todos os lados, aturcidas.

E ouviu-se um segundo tiro.

Saltaram pedaços de madeira de uma das mesas montadas na frente do microônibus. Uma das voluntárias que ajudavam na coleta de sangue levou a mão ao rosto. Quando tirou, o sangue correu do ferimento provocado por uma lasca da madeira arrancada da mesa. A boca da mulher abriu, em completo silêncio. Ela estava chocada demais para dizer qualquer coisa.

Outro tiro ecoou no ar, seguido do grito de dor de um homem, que levou imediatamente a mão ao braço ferido.

Ouviram-se gritos vindos de toda parte. A fila se desfez e as pessoas formaram uma multidão, correndo desorientada para todos os lados, como um bando de ovelhas assustadas, sem saber qual era o perigo, de onde vinha, e onde poderiam encontrar segurança.

Mulder, Scully e Spencer correram em busca de segurança, escondendo-se atrás do microônibus.

— Chegamos tarde demais — disse Mulder.

— Onde está ele? — perguntou Scully.

— Pela posição do tiro que atingiu a unidade móvel de coleta de sangue eu diria que ele está do lado oposto ao nosso — respondeu Mulder.

Outro tiro, outro grito de dor, desta vez dado por uma mulher.

— Talvez ele fique logo sem munição — disse Spencer.

— Pois eu duvido que isso aconteça — disse Mulder — Eu vi duas caixas de munição vazias no chão da casa dele. Deve estar com centenas de balas à disposição.

Outro tiro de espingarda.

Os olhos de Mulder varreram todo o pátio em busca do brilho do cano de uma espingarda refletindo o sol claro daquela tarde.

Ele viu diversas pessoas deitadas no chão, enquanto outras permaneciam em pé, paradas como estátuas, paralizadas pelo medo. Alguns estavam fazendo orações, enquanto outros choravam. Ele viu dois corpos estendidos, imóveis.

Ouviu-se mais um tiro, e um homem que estava deitado no chão estremeceu, e depois parou de se mover.

Mulder ainda não conseguia ver sinal da arma, até que olhou para cima quando a espingarda disparou de novo.

Uma fina nuvem de fumaça levantou de uma janela alta e estreita, na torre do campanário.

Mulder tornou a esconder-se atrás do microônibus.

— Funsch está escondido na torre do campanário — informou aos outros.

— Vou correr até meu carro de patrulha — disse Spencer —. Vou usar o rádio para pedir por uma unidade de apoio.

— Não temos tempo para isso — alertou Mulder — Peça que eles mandem ambulâncias.

Sem esperar por uma resposta, ele saiu correndo.

Uma vez mais a espingarda disparou, enquanto ele atravessava o pátio, com o corpo curvado para a frente. Mas a bala não passou perto dele. Um homem gritou de dor, a uns três metros de distância.

Mulder tinha a forte impressão de que Funsch não estava escolhendo os seus alvos. Estava atirando em meio a uma cegueira de ódio.

Mulder alcançou a porta da torre do campanário e ficou parado ali durante um instante, procurando recuperar o fôlego. Então abriu a porta, apanhou a arma e subiu pela escada, de dois em dois degraus.

O ar que respirava ardia em seus pulmões, e suas pernas pareciam querer

desmontar quando ele chegou ao topo.

Do outro lado da sala arredondada ele viu as costas de Ed Funsch. O chão ao redor dele estava cheio de cartuchos vazios. O corpo de Ed balançou quando ele disparou mais uma vez. Quando desapareceu o eco da explosão, o barulho foi substituído pelo choro descontrolado de Ed.

Soluçando bem alto ele enfiou a mão no bolso e tirou outro cartucho.

Mulder ergueu sua arma e apontou para ele, gritando bem alto:

— Deixe cair a espingarda, Ed! Agora mesmo!

Ed virou-se devagar, com o cano da espingarda virado para cima. Olhou para Mulder com os olhos vermelhos e cheios de lágrimas.

— Não me mate! pediu ele, como uma criança desesperada.

— Então jogue a arma no chão, Ed.

Ed começou a chorar de novo, dizendo em meio aos soluços:

— Não posso. Eles não me deixam.

— Eu sei que não deixam, Ed — disse Mulder, com uma voz suave —. Eu sei que eles não deixam você em paz.

— Então... você... deve me obrigar a deixar a arma cair — disse Ed, olhando firme para a arma de Mulder, com uma expressão de cansaço no rosto. Era a expressão de um homem tão exausto que parecia disposto a fazer qualquer coisa para conseguir descansar.

Os olhos de Mulder cruzaram com o olhar de Ed, e ele viu a súplica que transmitiam. Nesse momento, ele sentiu o gatilho atrás de seu dedo. Ao mesmo tempo, sua mente procurou por outra saída para aquela situação. Então ele disse:

— Se você não deixar cair a espingarda, Ed, e eu tiver de atirar em você, ou se você atirar em mim, vai haver sangue por toda parte. E você não quer isso, quer? Vai querer ver o sangue esparramado por toda a torre? Não vai conseguir escapar do sangue. Diga-me a verdade: você não quer que isso aconteça, quer?

Quando Ed entendeu o que Mulder queria dizer, sua expressão foi ficando mais relaxada, como se um enorme peso estivesse sendo tirado de cima dele. Sorrindo, ele estendeu o braço para a frente, para entregar a espingarda.

Mulder sentiu alívio em todos os nervos de seu corpo.

Sorrindo, ele também baixou o revólver.

Então ele estendeu o outro braço para apanhar a espingarda.

Quando Mulder levou a mão para a frente, a manga de seu paletó levantou, expondo o ferimento que havia no seu antebraço, o corte recebido durante o ataque desferido contra ele por Bonnie McRoberts. O corte devia ter-se aberto de novo, porque o curativo colocado sobre ele estava encharcado de sangue.

Enlouquecido pela repentina visão de sangue, Ed gritou:

— Agghhh!

Antes que Mulder compreendesse o que estava acontecendo, Ed deu um salto, agarrou no cano da espingarda para usá-la como porrete, e bateu forte contra a mão de Mulder.

Os dedos de Mulder adormeceram com a pancada e o revólver lhe caiu da mão, escorregando pelo piso de concreto.

Mulder só poderia fazer uma coisa, e fez.

Usou de toda a sua agilidade para contra-atacar, tentando tirar à força a espingarda de Ed Funsch.

Uma coisa era saber que a adrenalina pode dar força sobre-humana a uma pessoa. Lutar com alguém que está experimentando uma overdose de adrenalina é uma aula prática que Mulder teria preferido evitar.

O violento chute desferido por Ed atingiu Mulder no joelho. Uma dor horrível e penetrante tomou conta de sua perna, e Mulder teve de esforçar-se para poder manter o equilíbrio. Mas Ed também se movia com rapidez, e lhe deu um empurrão tão forte que o corpo de Mulder bateu descontrolado contra a parede. A parte de trás de sua cabeça foi de encontro ao concreto, e seus olhos viram milhões de estrelinhas no ar.

Mas, a essa altura, Ed não era o único que havia sido inundado de adrenalina.

Qualquer homem que luta para manter a própria vida dispõe de suas próprias reservas desse hormônio.

Mulder podia sentir a adrenalina correndo em suas veias quando empurrou Ed Funsch com violência, ao mesmo tempo em que agarrava e torcia com toda a força a espingarda que o outro tinha nas mãos.

Ed torceu a arma na outra direção, e os dois foram se arrastando pela sala, grunhindo como um par de ursos que dançam desajeitados.

Finalmente, ficaram lutando pela posse da espingarda junto à porta da pequena sala arredondada. Aos pés deles, a escadaria baixava para dentro da escuridão da torre.

Mulder sentiu que estava perdendo o equilíbrio, e que estava para cair pelos degraus.

Com uma última explosão de força, ele atirou o corpo para o outro lado.

Com o mesmo ímpeto do empurrão, ele conseguiu tirar a espingarda das mãos de Ed.

Procurando manter as mãos livres para continuar sua defesa, ele atirou a espingarda para trás.

Mulder ouviu o barulho da arma caindo escada abaixo, enquanto forçava Ed a ficar de joelhos. Usando de toda energia que ainda lhe restava, ele puxou os dois braços de Ed para trás das costas e rapidamente algemou seus punhos quando Ed parecia não oferecer mais resistência, mostrando-se derrotado, ou aliviado, ou as duas coisas ao mesmo tempo.

Capítulo 18

Eu gostaria de realizar um exame completo nele — disse Scully, depois que a polícia levou Ed Funsch embora, amarrado a uma maca —. Mas não acho que vá encontrar no corpo dele alguma coisa muito diferente do que já encontrei na autópsia dos outros assassinos. Afinal de contas, a análise química produz resultados limitados.

— Nós o manteremos no hospital tanto tempo quanto desejar, agente Scully — disse Spencer —. E tratarei de colocar dois guardas para vigiá-lo 24 horas por dia.

— Acho que não precisam preocupar-se em vigiá-lo muito de perto — disse Mulder —. Parece que ele perdeu toda a vontade de lutar. Uma coisa que não deve esquecer é de mandar tirar do quarto dele todos os tipos de aparelhos que tenham mostradores digitais. Além disso, Scully, quando mandar tirar seu sangue, é bom evitar que ele mesmo veja.

Os três estavam parados na frente da torre do campanário. Todo o pátio estava vazio, cercado por policiais que mantinham à distância os curiosos. As equipes de reportagem da televisão já haviam feito suas matérias e ido embora com o material filmado. Tudo o que permanecia no lugar era a unidade móvel de coleta de sangue, com uma das janelas quebrada e marcas de tiros em vários pontos da lataria. Balões coloridos dançavam ao vento do final da tarde, nas duas extremidades de uma faixa que dizia: Sangue. Só quem olhasse muito de perto conseguiria ver as manchas de sangue ressecado que havia sobre vários pontos da grama e dos passeios de concreto.

Todo aquele pacífico cenário era iluminado pela enorme bola vermelha do sol, que estava bem perto da linha do horizonte. Como já fizera tantas vezes antes, Mulder olhava para o infinito e pensava quanta coisa havia no mundo que os olhos humanos não conseguem enxergar.

Era como se estivesse assistindo a um espetáculo de marionetes... um espetáculo de marionetes que as pessoas chamavam de realidade. Ele gostaria muito

de poder acender os holofotes sobre as pessoas que puxavam os cordões de controle dos bonecos.

Ele voltou-se então para Spencer e disse:

— Quero que me permita ter acesso irrestrito a Ed Funsch, para interrogá-lo quando bem entender.

— Claro que sim, se você acha que isso o levará a algum lugar — respondeu Spencer —. Mas, para dizer a verdade, agente Mulder, acho que você já sabe muito mais sobre o que aconteceu com ele do que ele próprio.

— E também vou querer falar com Larry Winter — disse Mulder —. Quero descobrir tudo sobre a empresa que realizou a pulverização de inseticida por aqui.

— Eu já fiz a ele algumas perguntas sobre isso — disse Spencer —. Parece que essa empresa já não existe mais. Ela foi extinta ontem pela multinacional que a controlava. Foi uma espécie de reestruturação administrativa.

— Bem, eu acho que sei onde posso obter informações sobre essa multinacional — disse Mulder —. Pode deixar que eu sei para onde telefonar e me informar.

Scully sorriu.

— Olhe, eu preciso ir para o hospital agora — disse ela a Mulder —. Mas, quando você fizer esse chamado, gostaria que desse um recado ao seu amigo Frohike.

— E qual é o recado? — perguntou Mulder.

— Diga a ele que acabei de mudar meu número de telefone.

Mulder ficou olhando Scully afastar-se com Spencer, que havia oferecido a ela uma carona até o hospital.

Então, Mulder caminhou até o microônibus usado para coleta de sangue e sentou-se em uma das cadeiras dobráveis que ainda estavam armadas do lado de fora. O corte que tinha no braço doía muito, assim como ardiam os arranhões que ele tinha por todo o corpo. O sol tinha acabado de se pôr no horizonte, e ele sentiu um calafrio, na brisa fresca daquele início da noite. Tirou o minúsculo telefone celular do bolso do paletó e digitou um número. Levou o aparelho ao ouvido, e ouviu um barulhinho metálico, que nada tinha a ver com o funcionamento do celular. Intrigado, ele olhou para o pequeno painel digital iluminado.

As letras acesas diziam: Tudo acabado

Quando Mulder arregalou os olhos para enxergar melhor o que dizia o painel, as letras mudaram, e o telefone disse: Adeus.

— Isso é o que nós vamos ver — disse ele, ouvindo suas próprias palavras desaparecerem no vasto silêncio da noite.